

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CORA CORALINA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

NILTON MARTINS BRAGA JUNIOR

GUERRA DO PARAGUAI: A PROVÍNCIA DE GOIÁS NA GUERRA
(1864-1870)

GOIÁS - GO

2021

NILTON MARTINS BRAGA JUNIOR

**GUERRA DO PARAGUAI: A PROVÍNCIA DE GOIÁS NA GUERRA
(1864-1870)**

Monografia apresentada à Universidade Estadual de Goiás UEG - Campus Cora Coralina como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em História. Orientadora: Prof. Dra. Raquel Miranda Barbosa.

GOIÁS - GO

2021

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CORA CORALINA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

NILTON MARTINS BRAGA JUNIOR

GUERRA DO PARAGUAI: A PROVÍNCIA DE GOIÁS NA GUERRA
(1864-1870)

Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Estadual de Goiás
Câmpus Cora Coralina para a obtenção do título de Licenciatura Plena em História,
aprovada em _____ pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes
docentes.

Prof.^a Dra. Raquel Miranda Barbosa (UEG)

Presidente da banca

(Orientadora)

Dra. Keley Cristina Carneiro

Me. Leonardo de Jesus Silva

“Toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história”

Hannah Arendt

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso contou com ajuda de diversas pessoas, dentro as quais agradeço;

Começo agradecendo a Deus e minha família, minha mãe e meus irmãos. A professora e orientadora Dra. Gislaine Valério de Lima Tedesco que durante meses me acompanhou pontualmente, dando todo o auxílio para a elaboração da pesquisa. Agradeço também a professora Dra. Raquel Miranda, que aceitou me levar à banca de defesa na condição de orientadora. Aos professores do Curso de História do Câmpus Cora Coralina na Cidade de Goiás (UEG), que através dos seus ensinamentos permitiram que eu pudesse elaborar a pesquisa e estar concluindo este trabalho. Ao museu das Bandeiras (MUBANGO) pela oportunidade do acesso ao acervo documental para a realização da pesquisa. E a dona Fátima do Frei Simão Dorvi.

À professora Ma. Derotina Helecir Alvarenga que durante a qualificação contribuiu muito para este trabalho, meu muito obrigado. Sou grato pela banca examinadora que teve a disponibilidade pela leitura desse estudo e por suas contribuições. Agradeço ainda a todos os meus amigos e colegas. Especialmente ao meu amigo Thiago Moreira Freitas que compartilhamos inúmeros desafios que enfrentamos, sempre com o espírito colaborativo.

E não posso esquecer-me da instituição, em especial a Unidade Cora Coralina e seus funcionários. Ficam aqui meus agradecimentos e obrigado por tudo.

RESUMO:

Este estudo trata-se de uma investigação a respeito da História da Guerra do Paraguai (1864-1870) e a participação da Província de Goiás a partir da Documentação do Museu das Bandeiras (MUBAN) e com o aporte teórico. A pesquisa tem como objetivo analisar de que maneira a Província de Goiás atuou no conflito. Nesse sentido, ao analisarmos os documentos do MUBAN e a historiografia passamos a compreender as relações entre Goiás e a Guerra do Paraguai. Logo, os objetivos norteadores são: analisar os documentos, a participação da Província, o cenário político, entender o conflito. A partir da análise dos documentos e do estudo bibliográfico, abordaremos reflexões sobre a participação da província no conflito entre Brasil e Paraguai.

Palavras- chave: Guerra do Paraguai. Brasil Império. Província de Goiás. Historiografia.

LISTA DE FIGURA:

Figura 1: Rio da Prata	13
Figura 2: Mapa do conflito	15
Figura 3: Campo de batalha	19
Figura 4: Batalha do Avaí	19
Figura 5: Mapa da província	31
Figura 6: Vista da Província	33
Figura 7: Palácio Conde dos Arcos	35
Figura 8: Documento I	37
Figura 9: Tabela I	38
Figura 10: Documento II	39
Figura 11: Documento III	40
Figura 12: Tabela II	42
figura 13: Acampamento	43

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: A Guerra do Paraguai: 1864 a 1870	12
1.1 Contexto da Guerra	12
1.2 As diferentes abordagens historiográficas da Guerra do Paraguai	20
CAPÍTULO 2: A participação da província de Goiás na Guerra do Paraguai	30
2.1 A província de Goiás	30
2.2 A província de Goiás na Guerra	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52

INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa é analisar a participação da Província de Goiás durante a Guerra do Paraguai ocorrida entre os anos de 1864 e 1870 na América do sul, através dos documentos do Museu das Bandeiras (MUBAN)¹ e a historiografia. Sendo assim, ao analisarmos os documentos do MUBAN passamos a compreender as relações entre Goiás e o conflito entre Brasil e Paraguai. O recorte espaço temporal é o século XIX durante o Brasil Império. O interesse por esse tema ocorreu durante as aulas de História do Brasil com a qual me identifiquei. Abordar esse tema é bastante interessante do ponto de vista de buscar compreender esse conflito e principalmente a relação com a qual Goiás teve durante os anos de guerra. Além disso, as relações políticas e o Brasil tentando expandir seu império diante de futuras ameaças fizeram o conflito se tornar algo muito maior do que se pensava. Assim, a história do Brasil Império sempre me chamou a atenção, de estudiosos, pesquisadores e de vários alunos, que passei a estudar mais a respeito da história do Brasil marcada por injustiças e conflitos sociais. Diante da documentação e do grande acervo de fontes sobre a Guerra do Paraguai, há inúmeras fontes que abordam as províncias, de qualquer modo, contribuirá para a pesquisa e trabalhos posteriores. E trazer à tona um trabalho voltado para Goiás, é de suma importância para o meio acadêmico.

A província de Goiás teve um papel na participação durante a Guerra como pode ser vista nos documentos. O Brasil de certo modo, precisou abarcar tudo que fosse necessário para derrotar o inimigo diante das ameaças que o Paraguai colocava. Essa é uma visão do Imperador D. Pedro II². O próprio Paraguai via no Brasil perigo, assim como Argentina e Uruguai que disputavam a região da prata³ todas elas acabaram que entrando no conflito. É importante ter em mente as várias interpretações a respeito da

¹ O Museu das Bandeiras é um museu localizado na Cidade de Goiás. A casa que hoje abriga o museu foi construída como Casa de Câmara e Cadeia da Província de Goiás. As obras de construção se iniciaram em 1761, por ordem de D. José I (na época em que João Manuel de Melo governava a província), e foram concluídas em 1766.

² D. Pedro II (Rio de Janeiro, 2 de dezembro de 1825-Paris, 5 de dezembro de 1891), alcunhado o Magnânimo, foi o segundo e último monarca do Império do Brasil, tendo reinado o país durante um período de 58 anos.

³ O rio da Prata é o estuário criado pelo desague das águas dos rios Paraná e Uruguai e do oceano, formando sobre a costa atlântica da América do Sul. Sendo palco de conflitos entre países como Argentina, Paraguai e Brasil.

guerra, pois vários países participaram do tal conflito. Ao longo do trabalho isso será discutido.

Entretanto, a Província de Goiás teve sua participação no conflito, através dos documentos iremos mostrar sua ação como servindo de suporte para a força militar do Brasil Império e por sua vez pensar nessa participação, o porquê dela? Além disso, deve se salientar o contexto do Brasil no fim do século XIX, a crise econômica, social e o enfraquecimento da monarquia do Império Brasileiro. Assim, diante dessa situação, Brasil governado por D. Pedro II se viu ameaçado por outros países, por ser uma das últimas monarquias vigente na América, o conflito acabou que resultando na crise na monarquia. Outro fator é a ideia de expansão do território e o interesse pela região da prata, e especificamente o Rio da prata, que servia como rota de comércio e navegação e por sua boa localidade e acesso. E as divergências entre Uruguai e Argentina contribuíram para o conflito.

No contexto regional, Goiás era uma província do Império Brasileiro, distante do litoral e das cidades nas quais as sedes administrativas se localizavam. De qualquer maneira, Goiás contribuía para o império, com impostos. As atividades no campo ajudavam nesse sentido, ou seja, tinha seu papel. Com o Brasil em conflito Goiás terá sua relação muito significativa no conflito, como exemplo, na ajuda de armamento, composição de homens, utensílios para o combate, todo o suporte que o Brasil necessitasse, as províncias tinham essa função, de compor o poderio militar. Vale ressaltar, de que maneira essa participação se dá. Levando em conta os interesses da monarquia e as disputas políticas. A respeito da formação do exército se dá nesse período, o Império não tinha um exército de fato, basicamente possuía uma espécie de Guarda nacional.⁴

Nessa direção o estudo propõe, analisar de que maneira a província de Goiás participou do conflito entre as forças brasileiras e paraguaias. A partir da análise crítica da documentação selecionada e catalogada no MUBAN, e com as referências bibliográficas. Sendo assim, através de um estudo crítico dos documentos e estudo iconográfico e historiográfico a pesquisa irá abordar sua participação no conflito com

⁴ A Guarda Nacional foi uma força militar organizada no Brasil no período regencial e perdurando por vários anos como força protetiva.

intuito de identificar como os Voluntários da Pátria⁵ atuava, na composição do armamento, de utensílios, e de que maneira essa participação se dá, pensar criticamente neste envolvimento. Para a realização desta pesquisa, foram utilizados ainda diálogos com autores do referencial teórico, como Chiavenato (1979), Doratioto (2002), Martins (1978), Galeano (1985). O desenvolvimento deste trabalho, é entender a participação de Goiás na Guerra. A partir do referencial teórico buscando mostrar não só a participação, mas também compreender o conflito, interesses de cada país e os envolvimento de outras províncias.

Portanto, a pesquisa se justifica, no sentido de propor uma discussão sobre a Guerra do Paraguai e a participação da província goiana. Esperamos com essa pesquisa, responder algumas perguntas e refletir a relação da Província Goiana nesse processo de conflitos. Diante das discussões propostas a ideia é trazer à tona documentos que permitam identificar esse período com novos olhares e além disso, a pesquisa contribuirá com novas ideias e estudos dentro da área de História do Brasil Império e História de Goiás. Nesse sentido, a pesquisa fica dividida em duas partes, sendo que o primeiro capítulo a proposta é compreender o contexto da Guerra do Paraguai e a abordagem através da historiografia. No segundo capítulo, a ideia é apresentar particularidades da província no bojo da guerra, a formação do batalhão de voluntário da pátria para servir a Guarda Nacional em defesa do império, dialogando com os documentos selecionados no Museu das Bandeiras, se pôde compreender um pouco do que se passava nesse período e a participação não só de Goiás no conflito, mas das outras províncias como a de São Paulo.

⁵ Os Voluntários da Pátria foram todos os cidadãos civis que se disponibilizaram a servir o Império brasileiro durante o conflito bélico.

CAPÍTULO 1: A Guerra do Paraguai: 1864 a 1870.

Neste presente capítulo tem como objetivo analisar o contexto da Guerra do Paraguai (1864-1870). Assim, abordando questões sociais e políticas desse período. Utilizando autores que analisam o contexto geral do conflito discutindo a Guerra a partir da historiografia. A intenção foi observar suas diferentes perspectivas e abordagens. Sendo assim, o capítulo está dividido em dois momentos. Inicialmente a proposta é compreender o contexto do conflito, e no segundo momento, a Guerra a partir da historiografia.

1.1 Contexto da Guerra.

Inicialmente, a Guerra do Paraguai foi um conflito armado e que marcou o século XIX na América do Sul, envolvendo vários países como Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai, que ali disputavam a região da prata e tinha seus interesses próprios. Conflito que perdurou de 1864 a 1870 deixando danos e uma série de fatores que levaram a desgastes econômicos, sociais e políticos. Anterior ao conflito vamos tentar compreender como era essa região da prata, ou melhor dizendo o Rio da prata. Localiza-se na América do Sul, no qual corresponde a área da bacia do rio da prata formada pela Argentina, Paraguai, pelo Uruguai e banhado por rios consideráveis como o Paraná. No entanto, esse rio servia como rota fluvial levando o comércio além das fronteiras. “Com a implantação da navegação a vapor, a região se tornava cada vez mais importante, intensificando-se o movimento comercial nos rios Paraná, Paraguai, Uruguai e no estuário do Prata”. (CARMO, 1989, p.45).

Assim, podemos notar o quanto essa região era importante para esses países e todos necessitavam dessa rota para escoar produtos, e a economia de certo modo dependia dessa rota. Um canal que dava fácil acesso, por via fluvial que facilitava a transição das mercadorias. Claro que isso foi apenas um elemento para a início da Guerra, os interesses eram mais do que isso. No mapa a seguir, a região da prata. Nela podemos ver o Rio da Prata, e os países vizinhos. Vale pensar as possíveis estratégias que ambos adotaram.

Figura 1: Rio da Prata



Fonte: disponível em https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fmedium.com%2Fthe-urbi-et-orbi%2Fa-paz-no-prata-60d66fd2f722&psig=AOvVaw3mcmi-hw-OI_iXcBuZD8Mp&ust=1610679376740000&source=images&cd=vfe&ved=0CAIQjRxqFwoTCNCJ_bi2mu4CFQAAAAAdAAAAABAD. Acessado em 13/01/2021 as 23:49

Dada a localidade e a importância da região, agora iremos abordar aspectos políticos de cada país. Lembrando que o conceito Guerra do Paraguai é usada por parte do Brasil, enquanto os outros países adotam outro nome a ela como exemplo; a Argentina e Uruguai se refere há como Guerra da Tríplice Aliança, que foi uma aliança entre países Brasil, Argentina e Uruguai. Enquanto no Paraguai se chama a Grande Guerra porque devastou o Paraguai.

O primeiro governante ditador do Paraguai foi José Rodríguez de Francia⁶ (1776 a 1840). Ele de certa maneira visou a livre navegação do rio da prata, e em sua gestão ele confiscou terras (...) terras cujo direitos de posse as classes proprietárias não puderam comprovar. (DANTAS, 1989, p.157). Podemos perceber que Francia tentou buscar uma centralização do Estado. Que basicamente era agrícola e tinha se acabado de se tornar independente, tentando se firmar como um país independente e em busca de reconhecimento de outros países. Assim, Chiavenato afirma:

⁶ Foi um teólogo, advogado, revolucionário e político Paraguai.

Francia está organizando uma nação livre e demonstrando que é possível sobreviver sem a submissão a interesses estrangeiros e sem sustentar uma oligarquia parasita. O Paraguai passa a ser, já a partir desse momento, um exemplo péssimo para a América-veremos adiante com essa estrutura de nação pode incomodar ao “laissez-faire” que os canhões ingleses impunham ao mundo. (CHIAVENATO, 1979, p. 20).

O seu sucessor Carlos Antônio López⁷ governaria Paraguai até 1862, em seguida seu filho Francisco Solano López⁸ assumiria o poder. Esse líder, com características autoritárias é que vai guiar o Paraguai nas batalhas levando o país a ruínas. De fato, ele chega no governo num país no qual o Estado fazia muito presente, a maioria das atividades eram em torno do Estado. Quase tudo era público fazendo parte do território do Paraguai. Assim, “(...) noventa e oito por cento do território paraguaio era de propriedade pública” (GALLEANO, 1985 p. 207). Outro fator é a questão econômica pela qual Claudius Ceccon (1986) nos diz que as exportações paraguayas valiam duas vezes mais que as importações. Sendo assim, Solano López começou a aplicar algumas de suas medidas como representante do país, como exemplo aumentando o poderio militar. Borges Hermida (1986) já via nesse aumento considerável diante de outros países vizinhos. Enquanto que já vinha sendo intensificado com receio de ataques vindo da Argentina para reivindicar o vice-reino da prata⁹.

Chiavenato acredita que o Paraguai possuía um grande número de homens aproximadamente 40 mil. Há variedade nos números e principalmente com a população deste país que segundo Marx Justo Guedes (1995) era de 300 a 400 mil habitantes. Por outro lado, temos a Inglaterra que detinha seu capital e queria expandir cada vez mais nos países sul americanos visando sua hegemonia no mercado. No ano de 1864 a situação do Paraguai era essa, e o interessante é que ele tinha uma economia forte nacional sendo o único a não comercializar com os ingleses. Nesse sentido, os ingleses realizavam intenso comércio “(...) exportando seus produtos industrializados e importando matérias-primas. (SANTOS, 1990, p. 51). Essa troca de mercadorias com os ingleses o Brasil de certo modo se relacionou como afirma Elza Nadai:

O comércio brasileiro era quase todo feito com a Inglaterra: ela era o principal comprador de café e fornecia a maior parte dos produtos industrializados que se consumiam no Brasil. Além do comércio, as estradas, os bancos e muitas

⁷ Foi um político Paraguai, presidente de seu país. Era pai de Francisco Solano López.

⁸ Foi o segundo presidente constitucional da República do Paraguai, exercendo o cargo de 1862 até sua morte. Foi comandante das Forças Armadas e chefe supremo do seu país durante a Guerra do Paraguai

⁹ O último e mais curto vice-reino criado pela Espanha durante o período de colonização das Américas.

empresas eram inglesas; portanto, os valores e os padrões ingleses acabaram por se impor como modelos para a sociedade brasileira. (NADAI, 1985, p 74).

No Brasil a monarquia prevalecia com D. Pedro II sustentada por uma elite que o apoiava diante de uma economia quase toda voltada para o café. O Brasil foi se tornando um dos maiores produtores de café da América do Sul. Além disso, enfrentava problemas como a desigualdade e principalmente a escravidão, que foi base para esse Brasil Imperial. Lembrando que a maioria dos países praticamente estavam independentes ou se tornando independentes implantando ideias republicanas. Ou seja, o Brasil era o único com um sistema de monarquia e possivelmente almejava sua hegemonia e expansão de território. Diante das circunstâncias é interessante observar o mapa da Guerra:

Figura 2: Mapa do conflito



Fonte: disponível em: <https://www.coladaweb.com/wp-content/uploads/2014/12/20191018-guerra-paraguai.jpg>. Acessado em 13/01/2021 às 23:45.

Posto o mapa, podemos observar cada localidade dos países que participaram do conflito armado. Assim sendo, é importante notar as fronteiras, os principais canais que serviram de rota miliar, e também a utilização do rio da prata. As ocupações do Brasil

dentro do território Paraguai podem ser vistas no mapa além das principais batalhas como exemplo a batalha do Riachuelo¹⁰.

A questão do Brasil se via preocupado com a situação uruguaia “Naquele país, problemas da política interna do Brasil confrontava-se com questões internacionais; tornando particularmente delicada a posição do império” (GRINBERG e SALLES, 2009, p. 392). Com a ascensão do partido Blanco¹¹ ao poder, em 1862, os conflitos entre os dois países ficaram intensos. A situação interna do Uruguai se agrava com uma guerra civil entre os partidos Blanco e Colorados¹².

Essa guerra civil, como sempre, também envolvia interesses brasileiros e argentinos, só que, ao contrário do que geralmente acontecia, os interesses dos dois países convergiam no apoio dos Colorados. Os líderes gaúchos pressionaram o governo imperial para que apoiasse a rebelião colorada, e que também agradava aos comerciantes buenaienses. (GRINBERG e SALLES, 2009, p. 392).

A intervenção brasileira foi logo mediata e isso ocorreu em 1864, com a invasão do território do Uruguai e o bloqueio naval de Paissandu. Porém, essa ação irritou de forma contundente os paraguaios de Solano López que de certa maneira estava atuando de forma diplomática para conter a Guerra civil.

Do lado Argentino, “a ascensão de Bartolomeu Mitre (1821-1906) como presidente da República Argentina permitiu a implementação de programa de modernização que iniciou a transformação da Argentina em economia moderna, fortemente integrada ao mercado internacional, projeto que se consolidaria algumas décadas mais tarde, mas que já dava sinais de fortalecimento quando guerra do Paraguai teve início. (GRINBERG e SALLES, 2009, p.393).

As questões políticas e os projetos dos ditadores de cada país deixaram o clima muito mais atenuante para um conflito, até o momento foram investidas que resultaram no conflito, na qual a maioria achou que iria acabar de forma rápida, no entanto, se enganaram. Podemos dizer que esse conflito foi um dos maiores da América do Sul causando serias consequências.

¹⁰ A Batalha Naval do Riachuelo, ou simplesmente Batalha do Riachuelo, travou-se a 11 de junho de 1865 às margens do arroio Riachuelo, um afluente do rio Paraná, na província de Corrientes, na Argentina.

¹¹ O Partido Nacional, ou Partido Blanco, é um partido político uruguaio, ligado ao interior e a cadeia de produção primária

¹² O Partido Colorado é um partido político uruguaio que abarca o espectro político de centro-esquerda, com tendência menos socialista, ainda assim, não de centro-direita

Apesar das tensões políticas de cada país, a ideia de Solano López era fazer o Paraguai uma hegemonia nacional forte e estruturada. Assim, Paraguai se isolava desses países e criando um protecionismo. Galleano (1986) assegura que o protecionismo sobre a indústria nacional e o mercado interno foi muito reforçado em 1864. Percebe-se a forma que Solano López vai moldurando seu país para preparar ataques futuros e uma suposta invasão. Outro fator importante é a independência de Uruguai¹³ que interessava Paraguai “Do ponto de vista Paraguai a independência do Uruguai era a melhor garantia para manter o livre o trânsito no estuário da prata. (PEREIRA, 1987, p.222).

Aos poucos o Paraguai se mobilizava para se tornar uma potência na América do Sul, e o seu território segundo Souza (1987) abrangia uma grande parte de vários territórios de cada país as províncias uruguaias, e até áreas do Brasil. Esse projeto ambicioso de Solano López buscava esse Paraguai “grandioso”, mas como sabemos as batalhas intensificaram e mostraram para Solano López suas fraquezas e limitações de seu exército.

“Desde a sua independência, em 1811, o Paraguai procurou se isolar dos conflitos platinos” (SILVA, 1994, p. 28). Porém, mesmo tentado se isolar, ele próprio se viu na necessidade de entrar nas discussões pois se fazia parte a ideia de um Paraguai soberano, precisaria relacionar com outros países. As situações que se passava na Argentina, no Uruguai e no Brasil era de interesses do Paraguai. As causas da guerra são muitas, uma série de fatores, mas cabe aqui apresentar o quadro, o cenário político desses países, que conforme suas necessidades chegassem ao um conflito. Não devemos esquecer, que essas nações tinham governantes autoritários, e isso elevou o grau da guerra e causando o conflito.

Além disso, o que vai dar início ao combate é a invasão que é ordenada por Solano López, que invadiu o território brasileiro na região do Mato Grosso, após o Brasil interferir na política em Uruguai. Assim sendo, as ameaças e as investidas foram se agravando, até o ponto dos países declarem guerra. Diante disso, o conflito foi se dando na medida dos acontecimentos de modo que os países como Brasil Argentina e Uruguai formaram a Tríplice Aliança. Essa formação foi um acordo entre esses países para derrotar o Paraguai de Solano López. No entanto, esse tratado visava a total limitação do

¹³ O Uruguai tornou-se independente em 1825, e quem a proclamou foi o líder político Uruguai Juan Antonio Lavalleja.

Paraguai, deixando-o sem saída. Nesse sentido, “(...) Tirar do Paraguai a soberania sobre seus rios; (...) Responsabilizar o Paraguai por toda a dívida de guerra; e não negociar qualquer trégua (...) até a deposição de Solano López” (CARPI, 1985, p. 158).

O conflito foi armado e causou perdas de vidas, crises políticas, econômicas e sociais. Cada país teve uma parcela de perda, durante anos de guerra. Deve se salientar que os conflitos aconteciam em intervalos, pois estamos falando de guerra, era de certa maneira lenta. Os acampamentos necessitam de tempo para se abastecer, recuperar os homens, fora o gasto que teve com tudo isso. E o pior, vidas foram perdidas nesse conflito. Todavia, o conflito demonstrou uma má preparação no combate, e também os ataques tiveram manifestações públicas e principalmente na capital do império brasileiro como podemos observar:

Foram recebidas com manifestações públicas de indignação, adensadas pela circulação de jornais que ampliavam a repulsa pelas ações paraguaias, enfatizando as atrocidades cometidas pelas invasões contra a população civil e o tratamento dispensado a tripulação de *Marques de Olinda*. (GRINBERG e SALLES, 2009, p.396)

Ou seja, as consequências foram gritantes, “O temor de que os bolivianos ajudassem Solano López levou o governo brasileiro a ceder ao ditador boliviano Melgarejo a região do Acre. (MOCELLIN, 1985, p. 35). Também “Para Argentina e Brasil (e também para o Uruguai), a guerra aumentou a dependência ao capital inglês, mas desafogou suas dificuldades financeiras imediatas. (CHIAVENATO, 1998, p. 93). Segundo Galeano (1985), o império ganhou mais de 60 mil quilômetros quadrados de território e levou uma grande parte dos paraguaios como mão de obra escrava. Enquanto a Argentina ficou com 94 mil quilômetros de terras paraguaios como diz Galeano (1985) e Ceccon (1986). Em seguida, observe algumas imagens que retratam o conflito.

FIGURA 3: Campo de Batalha



Fonte disponível em <https://s1.static.brasilecola.uol.com.br/be/conteudo/images/ilustracao-1868-retrata-os-cenarios-batalha-durante-guerra-paraguai-5a58f20069e44.jpg>. acessado em 19/01/201 as 15:50.

Figura 4: Batalha do Avaí



Fonte: disponível em <https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3F%2Faventurasnahistoria.uol.com.br%2Fnoticias%2Freportagem%2Fhistoria-10-curiosidades-guerra-do-paraguai.phtml&psig=AOvVaw0Kfgtj65LGZIm2TXIOyV4r&ust=1611086687096000&source=images&cd=vfe&ved=>. Acessado em 18/01/2020 as 17:09.

As duas imagens acima retratam a Guerra do Paraguai, a primeira pode ser vista como foi o conflito, enquanto a segunda foi feita pelo pintor Pedro Américo.¹⁴ A obra

¹⁴ Pedro Américo de Figueiredo e Melo (Areia, 29 de abril de 1843 -Florença, 7 de outubro de 1905) foi um romancista, poeta, cientista, teórico de arte, ensaísta, filósofo, político e professor brasileiro, mas é mais

(batalha do Avaí) foi pintada entre os anos de 1872 e 1877, quando Américo tinha cerca de 29 anos, nela podemos observar o conflito travado entre brasileiros, argentinos e uruguaios, os quais lutavam lado a lado contra o exército paraguaio. Observe que o artista buscou trazer para a tela o drama vivenciado pelos brasileiros que perderam familiares e amigos ou que lutaram na Guerra. Logo após ser finalizado, em Florença, o quadro desembarcou no Rio de Janeiro, em junho de 1877. Por outro lado, deve dizer que Pedro Américo teve um papel de realizar propagandas do governo imperial brasileiro, assim, era um meio de divulgar grandes feitos da guerra, diante da falta de preparo. Além dessa imagem, ele pintou outras enaltecendo D. Pedro II, a monarquia. Entretanto, vale analisar por esse aspecto.

Em suma, procuramos apontar neste item o cenário político dos países envolvidos, dar um panorama do contexto da Guerra. Assim, mostrando a relevância da região da prata e aqueles que visavam o mesmo. Além das tensões políticas internas de cada nação, as diferentes tentativas de manter suas relações políticas e econômicas é interessante analisar. Ao mesmo tempo, foi possível abordar o conflito através das figuras facilitando o entendimento do ocorrido, e podemos dizer que o conflito trouxe para a América do Sul uma série de problemas que inclusive resultou no enfraquecimento da monarquia brasileira.

1.2 As diferentes abordagens historiográficas da Guerra do Paraguai.

Quando falamos em Guerra do Paraguai há várias interpretações historiográficas a respeito do tema. Assim, iremos abordar algumas correntes de interpretações em relação ao conflito. Até o momento, podemos destacar três pensamentos sendo elas; a tradicional, a revisionista e a pós-revisionista ou nova historiografia e por fim alguns trabalhos voltados para Goiás, pois essa é a nossa atenção. Portanto, houve três momentos distintos na produção acerca da Guerra do Paraguai como afirma Ana Paula Squinelo:

[...] o primeiro, que abrange os livros escritos no período que se estende da década de 1920 até a década de 1960 do século XX, oferecendo uma visão “patriótica” do conflito, como por exemplo, as obras de Frago e Pombo; o segundo, que compreende os estudos divulgados a partir da década de 1960, que desenvolvem a visão “imperialista” do litígio, como os de Pomer e

lembrado como um dos mais importantes pintores acadêmicos do Brasil, deixando obras de impacto nacional.

Chiavenato; e finalmente, o terceiro, que agrupa obras editadas a partir da década de 1980, dentre as quais destacam-se os livros de Doratioto e Sales, inovadores e menos tendenciosos. (Squinelo, 2002: 21).

Sendo assim, a primeira corrente de interpretação é a tradicional ou a patriótica como caracteriza Squinelo (2002). Esse pensamento abrange ideias ligadas ao positivismo¹⁵ e trabalhos publicados a partir dos séculos XIX e XX escrita pelos militares. Podemos destacar a obra *“Reminiscências da Campanha do Paraguai”* do general que participou do conflito. Nela a guerra é vista do ponto de vista de que o Solano López foi um ditador, e que viu na invasão do Brasil ao Uruguai um pretexto para o rompimento das relações com o Brasil e o início da guerra Cerqueira (1980).

Vale destacar que neste período a enaltação dos militares é muito forte como exemplo o Duque de Caxias¹⁶ e D. Pedro Segundo. Como dito anteriormente, isso é possível identificar nas obras de Pedro Américo a maneira na qual ele enfatiza e constrói uma imagem do Brasil imperial e do exército. Tal visão que ia muito além até mesmo nas escolas como Squinelo nos diz: “os educandos que passaram pelos bancos escolares naquela época aprenderam que a nação brasileira cumpriu “grande e significativa missão” na Guerra do Paraguai, isto é, libertou a população do “tirano” paraguaio” (Squinelo, 2011: 21).

Essa primeira visão quase toda ela coloca culpa no ditador Solano López que foi responsável por transformar Paraguai em um país bélico e armado. Assim, Luís Souza Gomes (1966) nos diz que de fato Solano foi o culpado. Nesse sentido, se constrói uma narrativa culpando um único fator. E via no Brasil um país pacífico e possuidor de uma nação que repudiava qualquer conflito. Mas não foi isso que vimos ao longo da Guerra, Brasil entrou para valer, buscando sua soberania diante das outras nações.

Gomes ainda menciona Solano López apontando características de homem autoritário, “despótico” e “alucinado”. Cresceu ao lado do pai Antônio Carlos López que foi bastante regido em sua educação. Tudo indica, que Solano aprendeu com seu pai esse aspecto autoritário. “já velho, via com horror agravarem-se os sentimentos agressivos do filho, e pressentiu a catástrofe que ele preparava para o país” (Gomes, 1966: 237). De

¹⁵ O positivismo é uma corrente filosófica que surgiu na França no começo do século XIX. Os principais idealizadores do positivismo foram os pensadores Auguste Comte e John Stuart Mill.

¹⁶ Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias (Porto da Estrela, 25 de agosto de 1803 -Valença, 7 de maio de 1880), apelidado de "O Pacificador" e "O Duque de Ferro", foi um militar, político e monarquista brasileiro.

qualquer forma, Solano teve uma infância complicada, mas isso não justifica fazer de seus problemas o problema do país. Além disso, podemos perceber algumas de suas atrocidades como descreve Gomes:

De recuo em recuo, López alcançava os confins do Paraguai, conduzindo consigo os restos lamentáveis de um exército destruído. E na medida em que se retirava, obrigava a população civil a segui-lo: na retaguarda do exército ia a legião de velhos, mulheres e crianças maltrapilhos, descalços e quase nus, sofrendo as mais horríveis privações, pois nada se cultivava, a não ser o ódio contra o inimigo implacável que o perseguia. (Gomes, 1966: 241).

Portanto, nota-se a agressividade de Solano diante de seu próprio país, características bastantes autoritárias. Outro autor que faz parte dessa linha de pensamento é o historiador Rocha Pombo. Que também associa Solano López como o principal causador da guerra, sem precedentes. De acordo com o Pombo:

[...] é o ditador do Paraguai, Francisco Solano López, que vai renovar as pretensões de Rosas, de formar no Prata um grande império, rival do Brasil. Para isso preparava-se solícita, mas dissimuladamente; e só aguardava agora, um pretexto para entrar em cena. (Pombo, 1960).

As interpretações a respeito da guerra permeiam num único indivíduo, no caso o Solano López. Essa corrente tradicional nela é possível observar uma tentativa de explicar a guerra enaltecendo o Brasil a tal ponto que colocasse o Paraguai como o responsável a partir do comportamento de López. Ainda, fica forte o discurso patriótico do Brasil, do exército e de D. Pedro II.

Outra vertente historiográfica é a uma que surge a partir da década de 60 que explicava o conflito platino. Assim, essa nova abordagem foi denominada como “revisionista”, com finalidade de propor uma nova discussão a respeito do conflito, ou seja, uma revisão historiográfica. Nesse sentido, a outra vertente via em Solano López como o responsável pela Guerra, no entanto, a nova ideia revisionista surge na necessidade de abordar a questão como a influência do Imperialismo Inglês, e a parcela de culpa do Brasil diante do conflito armado.

Entretanto, as publicações daquele período de certo modo, levantava questionamentos pois, a maioria dos países da América Latina vivia em regimes se assim podemos dizer autoritários. Vale destacar, a intenção de mudar o discurso a partir da década de 60 para refletir sobre o tema, e podemos destacar autores como; Chiavenato e Pomer. Iremos apresentar alguns de seus argumentos para a elaboração dessa corrente de

pensamento. Para o historiador argentino Leon Pomer, ele levanta uma tese na qual aborda o imperialismo inglês como o fator determinante para o conflito platino. Essa ideia fez com que o Brasil tivesse sua parcela de responsabilidade tirando a aquela imagem de “herói” construída pela corrente tradicional. Seu trabalho foi publicado na Argentina diante de um governo totalmente autoritário de Juan Carlos Onganía (1914-1995).¹⁷ O autor inicia seu argumento em 1860 a Inglaterra passou por uma crise interna na produção de algodão as suas fabricas, na qual foi necessário buscar fontes em outros lugares. A alternativa, no entanto, foi sua potência ultramarina buscar recursos além do mar. Assim, a américa latina de imediato a região da prata foi alvo de interesse, porém, Paraguai foi visto como certo obstáculo afirma Pomer:

Ovelha negra – Tal é o Paraguai aos olhos da burguesia inglesa e de outras burguesias europeias altamente desenvolvidas, e tal se torna, logo aos olhos de alguns cavalheiros que no Prata e no Brasil traficam e comercializam com as potências Ultramar, sem se preocuparem com outra coisa, a não ser seus interesses mesquinhos e restritos interesses de classe. (Pomer, 1984: 12).

Dessa maneira, Paraguai diferenciava das outras nações porque não deixava se levar por interesses de tais grupos. Diante disso, na visão do Historiador argentino Pomer, a formação da Tríplice Aliança não foi algo que ocorreu de maneira acidental e sim por um objetivo específico como ele nos diz: “[...] estruturar nessa parte do mundo, um sistema econômico-político de relações e dependências em função dos interesses das grandes potências “centrais”, das quais a Grã Bretanha é inquestionavelmente a principal” (Pomer, 1984:30).

Esse objetivo específico explica na visão do autor essa formação da Triple Aliança, na tentativa de combater o Paraguai, assim, podemos identificar os interesses das nações envolvidas. Segundo o autor “a guerra foi paga, basicamente, com dinheiro fornecido pelos ingleses” (Pomer, 1984: 40). Nessa interpretação a participação dos ingleses é fortemente mencionada, nesse sentido, a revisão da historiografia se passa por uma nova ideia na qual a discussão central da Guerra é voltada para a participação dos ingleses.

Em seguida, destaquemos o jornalista brasileiro Júlio José Chiavenato que lançou a primeira edição do livro “*Genocídio Americano: a guerra do Paraguai*” em (1979). Sem dúvida nenhuma, esse jornalista terá uma abordagem profunda da análise da Guerra

¹⁷ Juan Carlos Onganía Carballo (Marcos Paz, 17 de março de 1914 -Buenos Aires, 8 de junho de 1995) foi militar e presidente de facto da Argentina entre 29 de junho de 1966 (um dia após a deposição do presidente Arturo Umberto Illia) e 8 de junho de 1970, quando foi deposto por um novo golpe de estado, comandado pelo general Alejandro Agustín Lanusse.

do Paraguai. Portanto, ele inicia sua discussão apontando que existem “barreiras” que dificultam o entendimento do conflito platino. Assim, “a manipulação da onda de patriotismo que os historiadores oficiais criaram descrevendo fenômenos esparsos dessa guerra, para denunciar a posição crítica como antipatriótica” (Chiavenato, 1988: 09). Chiavenato é crítico em relação a primeira vertente a tradicional, “da sua alienação um exercício de cata às pulgas dos detalhes históricos” (1988: 13). A abordagem feita voltada em números e detalhes do conflito sem fazer realmente uma análise crítica do ocorrido. Nesse sentido:

[...] toda uma estrutura socioeconômica atendendo plenamente aos interesses populares e estando livre de burocratas, cortesãos e parasitas do gênero: no Paraguai só existe trabalho produtivo. Não há dívida externa – algo absolutamente impensável dentro das normas de governo de El Supremo. O país pronto para o desenvolvimento só não é pleno pelas altas taxas de juros que Buenos Aires cobra para permitir a saída de seus produtos. (Chiavenato, 1988: 27).

Assim, uma interpretação com viés econômico para explicar a Guerra, de certo modo, a intervenção inglesa teve papel decisivo para o conflito. Tanto Chiavenato como Pomer, acredita nessa ideia. Seus pensamentos são bem próximos no que diz respeito ao tema. Portanto, dois autores revisionistas que buscaram em cima de uma problemática para revisar a Guerra do Paraguai. Trazendo uma nova interpretação e principalmente uma revisão na historiográfica. É comum que nos estudos surgem novas interpretações de um tema, isso enriquece a pesquisa, quanto mais ideias e discussões o meio acadêmico ganha como isso. Não podemos esquecer que desde que seja fundamentado, pois temos ideias que não fazem parte do conhecimento e podem prejudicar aqueles que interessam pelo assunto. A história deve ser analisada, criticada e com o tempo as interpretações tende a mudar.

Na visão do jornalista, o Paraguai não se encaixa nos padrões ingleses, do ponto de vista do imperialismo inglês.¹⁸ Portanto, temos que ter em mente como esse imperialismo atuava, assim, conquistava novos territórios com moldes capitalistas de forma exploradora e sem precedentes. Porque a Inglaterra em seus planos buscava dominar, porém, o Paraguai possuía na visão do autor um parque industrial considerável. No entanto, percebeu que seria uma ameaça para os seus interesses como podemos observar:

¹⁸ O Imperialismo do século XIX constituiu um processo complexo de expansão territorial e disputa entre as nações europeias.

[...] esse país, essa autônoma república com uma economia própria e insubmissa à exploração do imperialismo inglês, pode modificar o status quo no Plata, possibilitando muito possivelmente a atração de outros interesses de outras potências. A grande máquina do capitalismo internacional não pode ter uma pequena peça destoando da engrenagem. É fácil perceber que o Paraguai será vítima desse sistema internacional – os ingleses, do seu ponto de vista imperialista, dominador, violento e desprovido de qualquer ética, guiados apenas pelo cálculo econômico, estão certos: é preciso destruir e substituir a pequena engrenagem que não se ajusta à máquina. (Chiavenato, 1988: 79-80).

Fica muito claro para Chiavenato a participação do imperialismo inglês no conflito como causa. Nesse sentido, as outras nações como Brasil, Argentina e Uruguai possuía práticas econômicas com os ingleses. Nessa linha de pensamento, identificamos como uma análise econômica para explicar o conflito. A formação do Tríplice Aliança se passou na necessidade de acabar com o Paraguai visando interesses capitalistas. O cenário político e econômico desse período é complexo, deve ter em mente a expansão do imperialismo, o neocolonialismo,¹⁹ nacionalismo²⁰ e capitalismo industrial²¹. É preciso aprofundar nesses conceitos, mas aqui iremos apenas expor a abordagem feita pelo Chiavenato. Como vimos, as duas interpretações carregam ideias distintas e procuram apontar causas para o conflito platino. Podemos notar, que a busca desses problemas se embasava num elemento externo como causa do conflito. Assim, aponta Squienelo.

[...] uma dose de emoção e envolvimento na escrita da história, ao mesmo tempo em que nos destituía de nosso papel de sujeitos históricos, ao desconsiderar todos os problemas que envolviam o Prata, e buscar a resposta para essas questões, em um elemento externo. (Squienelo, 2002: 22-23).

No entanto, surge outra interpretação para abordar a Guerra do Paraguai nos anos 1980 e 1990 questionando algumas ideias até o momento defendidas pelos revisionistas. Ricardo Salles (1990), Wilma Peres Costa (1996), Maria Eduarda Magalhães Marques (1995), André Toral (2001), Vitor Izecksohn (2001, 2004) e Francisco Doratioto (1991, 1996, 2002) compondo assim alguns dos pensadores dessa nova abordagem caracterizada como a “Nova Historiografia”²². Interessante que essa nova forma de pensar o conflito

¹⁹ Dá-se o nome de neocolonialismo ao processo de dominação política e econômica, pelas potências capitalistas ou ex-colônias ocidentais, no final do século XIX e ao longo do século XX, de regiões ou nações da África e da Ásia.

²⁰ O nacionalismo é o sentimento de pertencer a um grupo específico por meio da semelhança cultural ou histórica que os indivíduos partilham.

²¹ O surgimento do capitalismo industrial se deve em grande parte do desenvolvimento tecnológico. As empresas evoluíram de manufatureiras para mecanizadas. O Capitalismo Industrial é uma fase da história do capitalismo que ocorreu de 1780 a 1870.

²² Compreender cada análise dos autores citados de forma abrangente. Tendo em vista os seus principais estudos. Tal corrente tornaria o texto muito extenso.

contou com o grande acervo documental como método para os estudos. Levando em conta os cenários de cada nação e principalmente de mudanças de identidades nacionais.

Atentaremos expor dois autores para tal corrente observando seus argumentos. Portanto, escolhemos dois autores sendo eles: Francisco Fernando Monteoliva, Doratioto e Ricardo Henrique Salles. Salles, no entanto, faz críticas a respeito das duas correntes de interpretação anteriores a tradicional e a revisionista. Correntes estas que possuíam um excesso de factualismo e oficialismo, por outro, os revisionistas também pecaram por, em muitos momentos, pautarem-se em simplificações. Como observa o autor, a corrente revisionista:

[...] tem o seu ponto fraco talvez exatamente naquilo que caracterizou a sua novidade: a inserção do conflito no contexto mais geral de expansão do capitalismo. A supervalorização da ação direta da Inglaterra e a subestimação das motivações particulares das nações envolvidas (à exceção do Paraguai) acabaram por obscurecer a originalidade da abordagem. (Salles, 1990: 37).

Assim, o autor chama a atenção para o quadro político e a formação do exército e de que maneira ele se relacionava com a sociedade. Fazendo um panorama da sociedade brasileira daquele período. Tendo ênfase nas camadas mais pobres. Do ponto de vista do cenário político observando as relações do Brasil com as nações estrangeiras, tendo o interesse no rio da prata. Entretanto, o Brasil se firmava como um articulador forte político procurando afirmar e legitimar mantendo o controle da nação de forma centralizada. No entanto, a Guerra do Paraguai pode ser vista como um momento de mudança do escravismo para o capitalismo e as relações das sociedades latino americanas. Surgindo diante disso, o partido republicano²³ e a movimento abolicionista.²⁴

Desse modo, notamos situações e mudanças distintas e significativas para o processo do conflito. A abordagem feita por Salles mostra isso, esses novos olhares diante da guerra. Diante disso, ele chama a atenção para o exército brasileiro e fatos anteriores ao conflito buscando traçar um processo que resultou para o embate. Todavia, a dificuldade do Brasil para formar um exército foi percebido por ele, a Guarda Nacional precisaria se modificar e buscar um exército profissional como ele mesmo aponta:

²³ Ideais republicanos, visando a livre economia e a nova política.

²⁴ O movimento abolicionista cresceu no Brasil a partir da década de 1870 e mobilizou diferentes grupos da sociedade brasileira em defesa da abolição da escravidão. A abolição da escravatura aconteceu no Brasil em 13 de maio de 1888 e foi uma conquista tardia, uma demonstração do conservadorismo das elites brasileiras.

[...] o governo imperial desenvolveu um recrutamento de dimensões nacionais. Além do aspecto geográfico – sua escala nacional – cabe ressaltar sua dimensão social. Recrutar, vestir, armar, treinar, organizar, transportar, prover as necessidades mínimas e motivar 100.000 homens foi algo que atingiu o conjunto da sociedade. (Salles, 1990: 59).

Para tanto, é interessante observar o recrutamento de escravos para o conflito, evidenciando “contradição entre a estrutura político-jurídica liberal do Império e sua base escravocrata” (Salles, 1990: 74). Salles também assinala para a formação do “Corpo de voluntários da Pátria”. Com uma participação das camadas mais baixas, motivadas pelo patriotismo que adentrou na sociedade.

Outro aspecto de Salles é a estrutura na qual o exército vai exercendo na política nos anos posteriores do conflito. Assim, teve forte papel na Proclamação da República do Brasil sendo um comandado por militares que foram figuras centrais nesse processo de estrutura política. Além disso, os acontecimentos como: Revolta tenentista de 20 e o Golpe militar de 1964 podemos perceber o quanto os militares o exército foi se destacando ao longo do século XX.

com conteúdo político mais à direita [...] ou à esquerda, a ação política dos militares sempre guardou dois componentes importantes: algum tipo de vinculação com os setores médios e um discurso em nome dos interesses nacionais e do povo. (Salles, 1990:152).

Por último, o professor e historiador Francisco Doratioto, da mesma forma que Salles fez críticas em relação as interpretações conservadoras e revisionistas. Desse modo:

Na verdade, tanto a historiografia conservadora como o revisionismo simplificaram as causas e o desenrolar da Guerra do Paraguai, ao ignorar o documento e anestesiar o senso crítico. Ambos substituíram a metodologia do trabalho histórico pelo emocionalismo fácil e pela denúncia indignada [...]. Dessas atenuantes, porém, não se beneficia o revisionismo, em sua vertente antiimperialista [...]. Contudo, continuar a defender, hoje, essa interpretação somente pode ser resultado da ignorância histórica ou, então, da natural dificuldade de se reconhecer errado. (Doratioto, 2002: 20).

Diante disso, Doratioto descarta qualquer possibilidade da interferência inglesa, do imperialismo inglês para a explicação do conflito como se pensava Pomer e Chiavenato. Para tanto, das tentativas de buscar respostas externas sem abordar as questões da América de fato. As interpretações anteriores tem esse foco de buscar um elemento com um único determinante. Nessa direção, Doratioto propõe uma análise das questões internas da

América do Sul. Sua observação faz-se necessário ter em vista que a mesma ocorreu em um momento de constituição dos Estados Nacionais, no entanto, para pensar a Guerra do Paraguai é preciso conhecer a tua essência, sem categorizar de maneira externa ou um único culpado. Assim:

A guerra do Paraguai foi fruto das contradições platinas, tendo como razão última a consolidação dos Estados nacionais na região. [...]. A guerra era uma das opções possíveis, que acabou por se concretizar, uma vez que interessava a todos os Estados envolvidos. [...]. A guerra era vista por diferentes ópticas: para Solano López era a oportunidade de colocar o seu país como potência regional e ter acesso ao mar pelo porto de Montevideú, graças a uma aliança com os blancos uruguaios e os federalistas argentinos representados por Urquiza; para Bartolomé Mitre era a forma de consolidar o Estado centralizado argentino, eliminando os apoios externos aos federalistas, proporcionados pelos blancos por Solano López [...]; para o Império, a guerra contra o Paragua não era esperada, nem desejada, mas, iniciada, pensou-se que a vitória brasileira seria rápida e poria fim ao litúgio fronteiriço entre os dois países e às ameaças à livre navegação, e permitiria depor Solano López. (Doratioto, 2002: 96).

No que se refere a abordagem goiana destacamos dois trabalhos que traz à tona algumas visões do conflito platino analisando sua participação. A primeira é do professor José Atanásio²⁵ que reflete o conflito relacionando Goiás a partir da literatura. A discussão central se passa em torno da província de Goiás nos primeiros anos de guerra, analisando a situação do Brasil imperial e a participação da província. Utilizando varrias fontes como *Os voluntários*, escrito por Manoel Cavalcante de Albuquerque (1880). Na qual faz uma reflexão do ponto de vista literário para compreender o conflito. O segundo estudo é da professora Zildete Inácio²⁶ que buscou uma análise acerca da bibliografia vasta do Brasil Império. Leva em conta os documentos para compor o trabalho e faz um traço do início do conflito, o quadro econômico de Goiás tendo em mente a formação do batalhão de voluntários, no envio de viveres, na contratação de homens para a guerra.

Por fim, procuramos apresentar algumas abordagens historiográficas da Guerra do Paraguai diante de várias interpretações, sendo possível perceber as ideias que fizeram parte dos estudos para compreender o assunto. Assim, a ideia tradicional com elementos patrióticos e tendo figura principal o exército, colando culpa apenas em único individuo, o Solano López ditador do Paraguai. A segunda vertente, propôs uma revisão do conflito, apontando como influência o imperialismo inglês no conflito. Ideias essas na década de

²⁵ Professor do curso de História da (UEG) câmpus Uruaçu.

²⁶ Professora efetiva do departamento de Filosofia da (PUC) GO.

Com trabalho intitulado: A participação de Goiás na Guerra do Paraguai. (1978). Dissertação de mestrado (UFG).

60 que trouxeram novas interpretações. Abordando a situação interna dos países sul americanos mudaram a forma de analisar esse período de guerra.

Capítulo 2: A participação da Província de Goiás na Guerra do Paraguai.

O presente capítulo tem como objetivo analisar a documentação selecionada no Museu das Bandeiras (MUBAN) e com aparato teórico. A partir dos documentos iremos identificar a participação da província de Goiás na Guerra com intuito de compreender sua relação com o conflito armado. Observando a composição de homens, utensílios de guerra, despesas e refletir sobre essa participação. Sendo assim, o capítulo está dividido em dois momentos. Primeiro, iremos abordar a província de Goiás e seus aspectos. Em seguida, a análise da documentação, trabalhando Goiás e outras províncias fazendo uma comparação na tentativa de entender através do acervo a relação e participação de Goiás no conflito, e o papel das províncias a partir dos dados coletados.

2.1 A província de Goiás

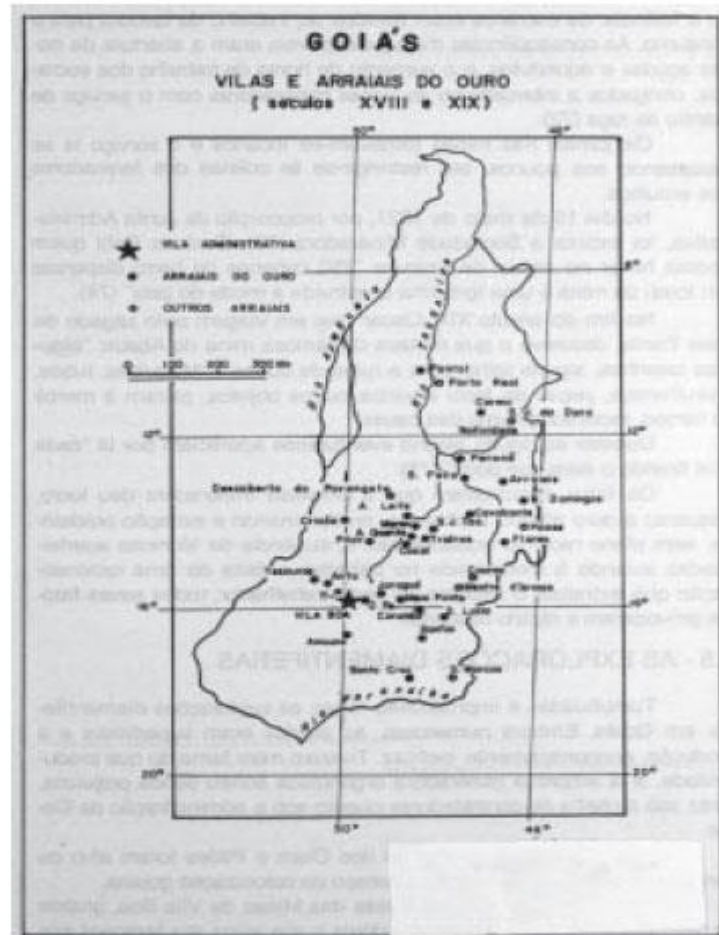
A província de Goiás²⁷ no século XIX fazia parte do Império Brasileiro situado na região que conhecemos hoje como Centro-Oeste. Segundo Palacín (1994), de 1590 a 1674, diversas bandeiras tinham percorrido o território goiano vindas de São Paulo e, a partir de 1653, várias outras partiram de Belém pelo Amazonas e alcançaram o Tocantins e o Araguaia. Localizado no centro do país ela se concentrava com suas atividades no campo no uso agrícola por exemplo: arroz, feijão, milho, cana de açúcar e outros. As atividades certamente giravam em torno do campo, na agricultura e agropecuária. Isso ocorria em quase todo o restante do país. Sua atividade agrícola dava condições para uma economia considerável mantida por seus habitantes. Outro fator é questão do transporte que dificultava o escoamento para outras regiões. Assim, era um elemento bastante complexo. A sua distância diante da capital do Rio de Janeiro²⁸ dava a dimensão dos

²⁷ A Província de Goiás foi uma província do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, e posteriormente do Império do Brasil, tendo sido criada em 28 de fevereiro de 1821 a partir da Capitania de Goiás. Atualmente a província corresponde ao Distrito Federal e aos estados de Goiás e do Tocantins.

²⁸ A cidade foi, sucessivamente, capital da colônia portuguesa do Estado do Brasil (1763-1815), depois do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves (1815-1822), do Império do Brasil (1822-1889) e da República dos Estados Unidos do Brasil (1889-1968) até 1960, quando a sede do governo foi transferida definitivamente para a recém-construída Brasília.

problemas enfrentados na província goiana. Em seguida, podemos observar o mapa de Goiás e notaremos suas delimitações e sua distância do Rio de Janeiro.

Figura 5: Mapa da Província



Mapa 1 - Vilas e arraiais do ouro de Goiás, séculos XVIII-XIX.
Transcrito de: SALLES, Gilka V. F. *Economia e escravidão na capitania de Goiás*.
Goiânia: Cegraf/UFG, 1992.

Fonte disponível em :
<https://www.google.com/imgres?imgurl=http%3A%2F%2Fwww.scielo.br%2Fimg%2Fvistas%2Fvh%2Fv21n34%2Ffal1mapa1.jpg&imgrefurl=http%3A%2F%2Fwww.scielo.br%2Fscielo.php%3Fscript%3Dsciarttext%26pid%3DS0104-87752005000200011&tbnid=j5UUAXmfNUjWQM&vet=12ahUKewjY5uHfgOLuAhW3BbkGHRJ0BFIQMygLegUIARCvAQ..> Acessado em 11/02/2021 as 11:13.

Assim, podemos perceber a capital da província de Goiás até então Vila Boa nas margens do rio vermelho e outras cidades e vilas como, Pirenópolis, Formosa e Corumbá de Goiás. Uma província que tudo indicava se baseava nas atividades no campo. Vale lembrar, que essa região já estava povoada com outros povos. Entretanto, ao estudarmos

Goiás não podemos deixar de mencionar os relatos dos viajantes²⁹ e sua historiografia presente que estudaram a história de Goiás. Como podemos observar:

chegavam à terra imaginando a região de Goiás um esplendor devido à mineração, que atrelara a região à cadeia da produção capitalista, elo presente na corrente do progresso, mas se deparavam com uma província onde a crise imperava em seus múltiplos aspectos. Os olhares dos viajantes europeus conseguiam ver apenas um deserto de homens, sem comércio e sem perspectivas, com estradas fantasmas e ócio ocorrendo nas veias do povo mestiço, longe por demais dos exemplos e do labor anglo-saxões. (CHAUL, 2002, p. 51).

É importante ressaltar que a história de Goiás no início da colonização foi por anos relatada por viajante europeus, sendo assim, uma visão geralmente não dizia a realidade de fato, era uma visão europeizada. Por outro lado, esses relatos trazem consigo uma rica fonte de informações sobre Goiás e principalmente particularidades do dia a dia da província, a vegetação e o processo de povoamento. Ao longo dos anos os estudos sobre Goiás ganharam novas interpretações com as ideias de Palacín³⁰ e o Chaul³¹. Autores estes que discutem aspectos intrínsecos de Goiás. A outra questão bastante problemática é quando se trata das interpretações em relação a cidade de Goiás. Primeira delas se perpassa na ideia de que Goiás foi uma região forte em minérios e isso resultou no potencial e desenvolvimento que até então era agropecuário e agrícola. A segunda ideia é voltada a decadência de Goiás.³² Nessa ótica, podemos perceber as diferentes análises de estudos ao abordar Goiás. Ao observar os relatos destacamos os viajantes posto isso, percebe-se como Goiás se encontrava neste período. Assim Pohl nos diz:

os brancos são na maioria de origem portuguesa, em parte fugitivos e aventureiros e, no entanto, formam a primeira classe, o que se deve apenas à cor. Na maior parte são intoleravelmente altivos e soberbos, crentes dessa sua superioridade em relação às outras raças. Poucos melhoraram o caráter, antes

²⁹ A presença de viajantes estrangeiros e seus relatos publicados sobre o Brasil, datam do século XVI. Existem mais de 260 obras, em várias línguas, onde os autores falam dos habitantes, vida social, usos e costumes, fauna, flora e outros aspectos da antiga colônia portuguesa, principalmente durante o século XIX,

³⁰ Luis Palacín Gómez foi um historiador hispano-brasileiro cuja obra foi dedicada à história dos estados brasileiros de Goiás e do Tocantins. É constantemente referido como tendo sido o primeiro investigador a fazer uso do método histórico para a reconstrução da história de Goiás e do Tocantins.

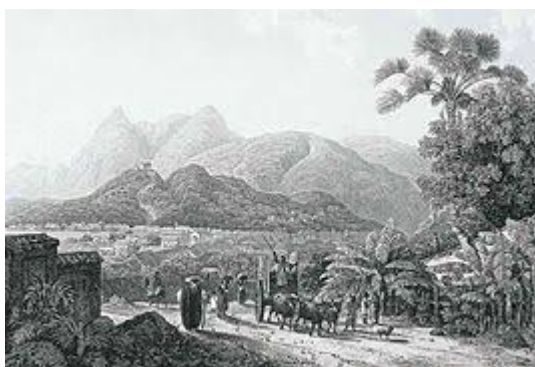
³¹ Cursou direito e em seguida se graduou e fez mestrado em História, na Universidade Federal de Goiás (UFG), onde atuou como professor e coordenador. Realizou seu doutorado na Universidade de São Paulo (USP) em 1991.

³² Desde fins da década de 1990, quando o prof. Nasr Fayad Chaul, apresentou a sua obra “Caminhos de Goiás, Da Construção da Decadência Aos Limites da Modernidade” (1997), surgiu um esforço entre os historiadores que versam sobre a História de Goiás, em se debruçar sobre a temática, com diferentes interpretações, contrárias àquelas que voltam o seu olhar apenas para a questão econômica, que teria sido um dos fatores motivadores para o isolamento de Goiás, até a virada de 1930 com a “Marcha para o Oeste”, capitaneada por Getúlio Vargas.

exibem a vulgaridade de sua existência anterior. O ócio é a máxima felicidade dessa gente.... Com essa inatividade e preguiça, os brancos decaíram tanto que a maioria deles falta até o necessário para comparecerem à igreja aos domingos. (POHL, 1976, p. 141).

Pohl no entanto, descreve algumas características dos habitantes da província de Goiás, abordando questões como ócio das outras pessoas, fugitivos e aventureiros. Diante disso, uma província distante da capital imperial, com suas dificuldades econômicas e sociais faziam Goiás um lugar diversificado. Na imagem a seguir vemos a província de Goiás praticamente rural.

Figura 6: Vista da Província



Fonte disponível em:
https://www.google.com/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Fupload.wikimedia.org%2Fwikipedia%2Fcommons%2Fthumb%2F7%2F7a%2FJohann_Axmann_-_Cidade_de_Goi%25C3%25A1s.JPG%2F270px-Johann_Axmann_-_Cidade_de_Goi%25C3%25A1s.JPG&imgrefurl=https%3A%2F%2Fpt.wikipedia.org%2Fwiki%2FProv%25C3%25ADncia_de_Goi%25C3%25A1s&tbnid=kBJBNggmU-eL5M&vet=12ahUKEwiHtq3tq8nuAhX3K7kGHTv1ADoQMygFegUIARciAQ.. Acessado em 02/02/2021 as 15:00.

Os viajantes tiveram pouco interesse em conhecer a Província de Goiás o que pode ter sido motivado pelas dificuldades de acesso ao interior do país. “Não só a localização geográfica, mas a própria situação socioeconômica da região não era propícia às visitas das expedições” (ANDRADE, 2008, p. 98).

Podemos notar a ideia associada a mineração que de fato ocorreu, mas também não foi determinante para Goiás. Um olhar desanimador diante da província desconsiderando as outras atividades ali. Assim, para Chaul os viajantes carregam em si olhares além da província, e ficaram de certo modo decepcionados no que viram. Nesse sentido, essas visões nos dão ideia do que ocorria em Goiás nesse período do século XIX

e anterior a ele. Os viajantes também tinham uma visão sobre a própria cidade e suas características assim como descreve Saint-Hilaire:

Existem em Vila Boa duas praças bastante amplas, cujo formato é o de um triângulo irregular. Vários prédios públicos, o palácio do governador, a Casa da Contadoria, a Fundação, a igreja paroquial e uma outra igreja menor situam-se em uma dessas praças, que é chamada de terreiro do paço. A outra, que é maior, fica localizada numa das extremidades da cidade. Nela se encontram a Casa da Câmara e o quartel, e no seu centro um chafariz. A arquitetura deste me pareceu bastante medíocre, mas pelo menos não é grotesco. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 51).

Esses detalhes do viajante Saint-Hilaire conseguimos ter em mente um pouco no que se refere a cidade de Vila Boa, que são bastantes peculiares. Descreve com muita precisão o que hoje é o centro histórico da cidade. O Chafariz, a Casa de Câmara de Cadeia, quartel e o restante da cidade. Assim, Goiás se movia e aos poucos ia se tornando uma cidade com elementos que vinha de fora, uma arquitetura neoclássica presente nos espaços urbanos. E com o tempo o urbano e campo se juntavam diante dos anos na província. Entretanto:

Goiás é uma das pequenas cidades mais bonitas do Brasil; mas é rodeada de quase todos os lados por montanhas cobertas de mata. E' de crer que nunca poderá crescer muito. As casas que geralmente não têm mais de que um andar, são muito bem construídas e extremamente brancas; as ruas, limpas e muito bem alinhadas, têm, todavia, muito mau calçamento; as praças são espaçosas. (CASTELNAU, 1949, p. 225).

Um olhar mais natural da paisagem enaltecendo a mata, montanhosas e também o espaço urbano. Com vários elogios, e algumas observações que a própria cidade tinha suas limitações. Portanto, esse foi um panorama da pequena Vila Boa nos meados do século XIX. Isso ajuda, para nós estudiosos compreender o que era a província de Goiás até então antes de participar da guerra. No âmbito político nós temos o Palácio Conde dos Arcos³³. Durante o Brasil império foi sede dos governadores e teve forte influência na política de Goiás. Desse modo, como se pode ver na imagem:

³³ O Palácio Conde dos Arcos é um palácio situado na Cidade de Goiás, antiga sede do governo do estado de Goiás, e leva o seu nome em homenagem ao primeiro governador da então capitania de Goiás, Dom Marcos de Noronha, o Conde dos Arcos. A sua arquitetura é barroca.

Figura 7: Palácio Conde dos Arcos



Fonte disponível em:
https://www.google.com/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Fupload.wikimedia.org%2Fwikipedia%2Fcommons%2Fthumb%2F1%2F1d%2FPal_Conde_dos_Arcos.JPG%2F560px-Pal_Conde_dos_Arcos.JPG&imgrefurl=https%3A%2F%2Fwww.wikiwand.com%2Fpt%2FHist%25C3%25B3ria_de_Goi%25C3%25A1s&tbnid=vna2zW9zzBmq0M&vet=12ahUKEwi-rMqTp8nuAhVrLLkGHsXNDnkOMygMegUIARCwAQ. Acessado em 02/02/2021 as 15:02.

Símbolo político de Goiás, a cidade nas margens do rio vermelho se fez diante do avanço dos bandeirantes ao longo de anos até formar a Vila Boa atual cidade de Goiás. Sendo a Sede administrativa que atuou na preservação da política imperial, a capital e centro político de Vila Boa teve uma participação durante a guerra do Paraguai. Nesse sentido, no próximo tópico iremos analisar sua participação diante da Guerra do Paraguai. Todavia, procuramos apontar algumas ideias em relação a província e suas características mostrando um pouco sobre a História de Goiás. Assim, podemos entender melhor a região e suas dificuldades ao participar do conflito armado da Guerra do Paraguai. Vimos como se localizava e atuava politicamente, e a relação com o conflito foi de certa maneira para ajudar no poderio militar. As diferentes análises da história de Goiás dizem muita coisa sobre Goiás. Tais interpretações que são relevantes para a construção da história da província, e cabe aqui e aos estudiosos de compreender e problematizar as mesmas e principalmente pensar nesta participação na Guerra.

2.2 A província de Goiás na Guerra.

Neste último tópico, passaremos a entender a participação da província de Goiás na Guerra do Paraguai. Observando documentos e imagens selecionadas e o papel das outras províncias do Brasil. No entanto, se faz necessário a pesquisa documental assim; “Documento/Monumento” disserta sobre as possibilidades de usos dos documentos pelos historiadores, argumentando, por exemplo, com Lucien Febvre, que defendeu a impossibilidade de fazer História sem documentos escritos, ou como Samaran, que afirmou, no século XIX, que não haveria História sem os mesmos. (apud LE GOFF, 2003. p. 529). E quando se trata de uma pesquisa documental, ter em mente, “produto da sociedade que o fabricou segundo suas relações de forças que aí detinham poder”, sendo então necessário perceber, não apenas como um documento, mas sim como um monumento (LE GOFF, 2003. p. 536).

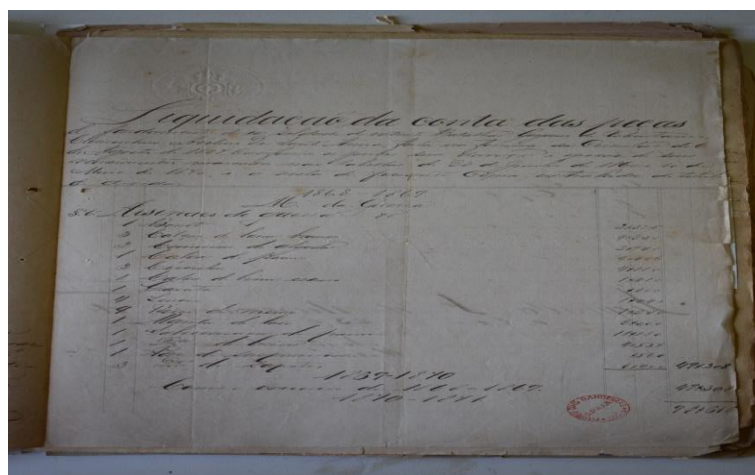
Os documentos em si carregam informações relevantes e outras nem tanto, por isso o papel do historiador é fundamental para esse tipo de pesquisa. História é, em essência, o conhecimento por meio dos documentos, afirmou Paul Veyne (1998, p. 18) no início dos anos 70. Desta forma, os documentos podem ser considerados a base do conhecimento histórico sobre uma determinada realidade, seja ela qual for. Complementando sua reflexão sobre a escrita da história, Veyne afirmou que o evento era irreproduzível e a narração histórica encontrava-se muito além dos próprios documentos. Em suas palavras: [...] em nenhum caso, o que os historiadores chamam um evento é apreendido de uma maneira direta e completa, mas, sempre, incompleta e lateralmente, por documentos ou testemunhos, ou seja, por tekmeria, por indícios. Ainda que eu tivesse sido contemporâneo e testemunha de Waterloo, ainda que tivesse sido seu principal ator, Napoleão em pessoa, teria apenas uma perspectiva sobre o que os historiadores chamarão o evento Waterloo; só poderia deixar para a posteridade o meu depoimento que, se chegasse até ela, seria chamado indício (VEYNE, 1998, p. 18).

Nesse sentido, iremos apresentar alguns documentos do Museu das Bandeiras (MUBAN) na intenção de discutir e entender a participação da província de Goiás no conflito armado. Diante da documentação alguns pontos são importantes por exemplo; as despesas na guerra, a composição de homens, as dificuldades das províncias no conflito, contudo isso, é preciso pensar essa participação de Goiás na Guerra. Além disso, iremos

expor a participação de outras províncias como São Paulo nesse sentido, fazendo uma relação comparativa dos papéis das províncias mostrando os dados quantitativos. Porém, serviu de base nas batalhas e pôde se evolver na batalha. Da mesma forma que Mato Grosso, foi usado para compor a armada Imperial. O primeiro documento a ser analisado e observado, é sobre as peças e gastos da província durante o conflito. Documento datado entre 1864 a 1866, durante o conflito nos leva a perceber as consequências que o combate gerou. A grande despesa que o Brasil Imperial e a própria província acabaram vivenciando.

Assim, tiveram gastos como transportes, equipamentos para guerra, despesas necessárias para o armamento. Foi possível identificar despesas como alimentos, para a alimentação dos soldados. A partir disso, podemos compreender o papel de Goiás nesse contexto de Guerra. Apesar dessa participação no combate com auxílio ao Brasil Imperial, são necessários que as discussões sejam bem analisadas. Sendo assim, o envolvimento de Goiás deve ser pensado de forma crítica, levando em conta o cenário daquele período. E o documento, datado em 1864 aponta gastos em relação ao conflito um cenário de guerra, e que esta participação foi basicamente nutrida por interesses políticos para manter uma monarquia intacta na América. Observe-o:

Figura 8: Documento I



Fonte: Arquivo da Guerra do Paraguai-Caixa 1 (1864-1866).

O abastecimento, no entanto, se dava através de transportes e que levava muito tempo para chegar nas províncias. Outros requisitos eram feitos para ajudar os batalhões

que iam se formando nas províncias. Precisava elementar eles, com usos de equipamentos de guerra para o conflito. Depois que chegavam as províncias, os produtos se assim podemos dizer, eram distribuídos nos batalhões no intuito de fortalecer seu poderio militar e seus homens. Com isso, podemos analisar os tais gastos a partir da tabela a seguir:

Figura 9: Tabela 1

Valores gastos com a instrução publica no ano de 1869.

Província	Valor gasto com a instrução no ano de 1869
Rio de Janeiro	315:883600
Minas Gerais	312:580,000
Bahia	279: 691.501
Pernambuco	247: 135,000
Rio Grande do Norte	224: 503. 000
Pará	212: 100.000
São Paulo	191: 984,000
Ceará	131: 262,000
Alagoas	102: 282.0000
Maranhão	92: 918.000
Sergipe	69: 018.000
Goyaz	51: 735. 000
Mato Grosso	16: 160,900

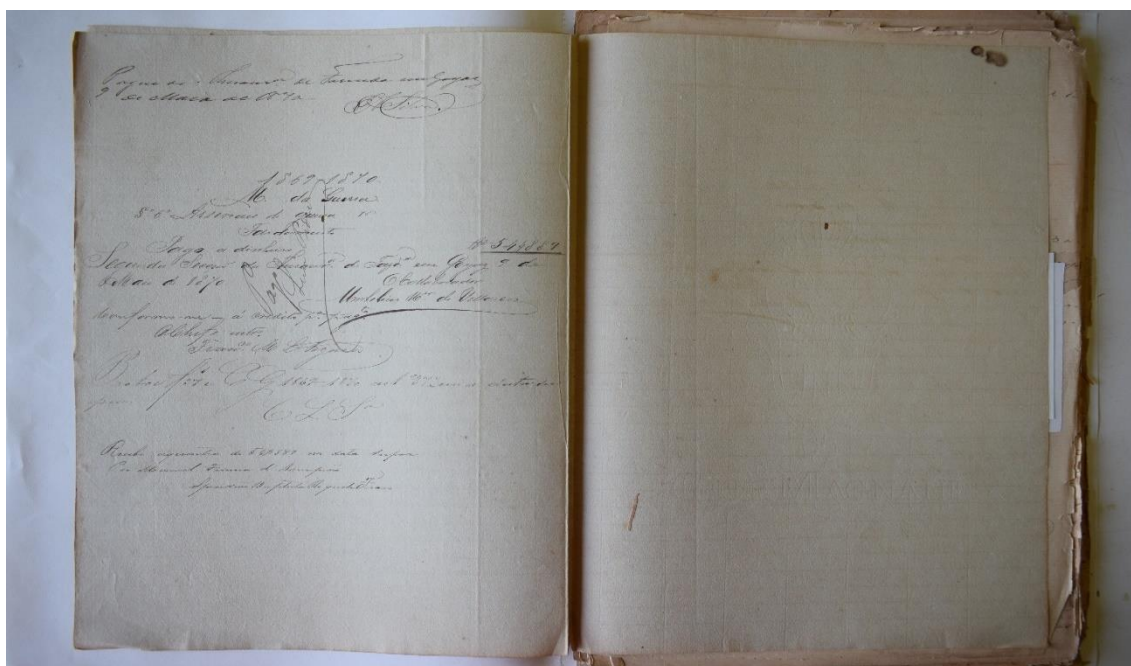
Tabela elaborada com base em dados do relatório do ministro do império de 1869.

Com base na tabela, podemos notar as diversas províncias que aturam no conflito e principalmente os valores gastos durante o combate. Números que para esta época era bastante alto e que custou caro para as províncias. Além disso, a maioria dessas províncias enfrentavam outras dificuldades perante luta entre Brasil e Paraguai. A participação, no

entanto, foi de diversos estados e devemos pensar o motivo que levou cada uma a se envolver na guerra.

No documento a seguir, datado em 1864, atentaremos a observar a composição de armas e gastos referentes a ela. Durante a guerra foi preciso abastecer aqueles que serviriam para o combate. No caso da província de Goiás não foi diferente, pôde se perceber a necessidade de obter armas e principalmente seus dados registrados no Ministério de Guerra. Entretanto, todo pedido era feito por um ofício e encaminhado para as sedes superiores no caso o Rio de Janeiro. Ao analisar a tabela podemos fazer uma analogia com o documento. Observe-o:

Figura 10: Documento II

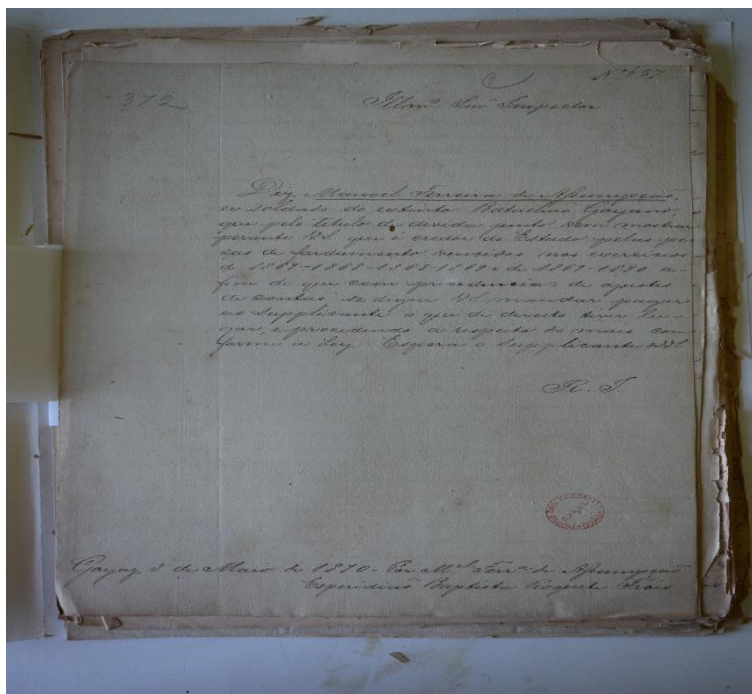


Fonte: Fonte: Arquivo da Guerra do Paraguai-Caixa 1 (1864-1866).

Além dos gastos, podemos ver o pedido de requerimento de armas para o conflito. Observando a participação de outras províncias em relação a Goiás percebemos essa dificuldade de distribuir armas e mantimentos evidenciando a precariedade das províncias e despreparo do exército. O uso das armas era essencial para o conflito, mas como pôde se perceber nos documentos a total falta de organização do império brasileiro. Logo, entendemos as participações dessas províncias e sua falta de preparo e estrutura para o combate. Outros fatores influenciaram para isso e devemos ter mente o tamanho do Brasil

e a insistência do governo imperial de envolver suas províncias na guerra. Quais eram os interesses? Em seguida, neste outro documento, datado entre 1864-1866 ele é bastante interessante, nos mostra um soldado que defendeu em tese a pátria e nos seus últimos dias pede uma espécie de valor para seus serviços. No documento consta este pedido como podemos analisar:

FIGURA 11: Documento III



Fonte: Arquivo da Guerra do Paraguai-Caixa 1 (1864-1866)

No momento em que Goiás entra na guerra é importante analisar alguns pontos importantes, no caso a administração pública. O presidente Ferreira França³⁴ deixa preocupante o estado da administração de Goiás, com muitas falhas e improvisos, a questão do aparato militar provincial. Como podemos ver:

Assumindo a administração, tratei de saber quase os auxílios que tinham sido enviados à província de Matto Grosso, e fui informado de que, apesar dos mais ardentes desejos da província, e a despeito dos esforços do Exm. Sr. Vice presidente, não se tinha conseguido, até então expedir força alguma auxiliar, havendo sido adiada a marcha do batalho de caçadores. (MEMÓRIAS GOIANAS, Nº10, 1998, p. 66).

³⁴ Foi presidente da província de Goiás, de 27 de abril de 1865 a 29 de abril de 1867.

Tal situação mostra o cenário de desorganização e dificuldades da política goiana para participar do conflito, isso evidencia muita negligência da parte dos governantes. No entanto, a província se atentou em se organizar o aparato humano e logístico do que propriamente o conflito. Sem uma estrutura de organização foi preciso organizar a província para participar das forças expedicionárias do Império. Em direção ao Mato Grosso, que era outro problema de logística. Assim a primeira medida do governo goiano foi:

Diante disso, a primeira providência do governo goiano foi a criação dos chamados depósitos de víveres. Eram depósitos de víveres uma espécie de armazém com o fim de proporcionar mantimentos às forças expedicionárias que passassem pelas suas proximidades, de conservar os gêneros em um ponto central, de onde saíam para o suprimento das forças enquanto atuavam nos distritos de Miranda e Baixo Paraguai, em Mato Grosso. (MARTINS, 1983, p. 73).

A ideia de abastecer o grupo militar na busca de manter os homens no combate alimentados e todo o arsenal de guerra. Foram tentativas do governo goiano para lidar com o conflito e suas limitações e ausência de recursos, apesar do governo imperial incentivar, o problema ainda era gritante. As soluções e alternativas do governo goiano foi se fazendo conforme a guerra ia acontecendo. E as notícias em relação ao conflito foi se adentrando na camada social deixando as pessoas algumas atentas e outras empolgadas. Como dito anteriormente, foi feita uma série de mobilização ao redor do Brasil e nas províncias na ideia de incentivar homens para o conflito, as pessoas como um todo, numa ideia bem patriótica. Essas propagandas foram essenciais para o governo imperial no conflito com o Paraguai, conseguiram convencer seu povo ir para a guerra. Assim:

No início de janeiro de 1865, o clima geral de guerra havia se espalhado nas províncias do país e uma intensa propaganda elevou os ânimos da população. A mobilização era o caminho pelo qual se poderia conseguir homens para compor as tropas. Homens oriundos das mais diferentes regiões do império, de diferentes sociais...” (ARAÚJO, 2009, p. 18).

Na tabela a seguir, iremos apontar alguns dados das províncias e assim, compará-los visando entender a dimensão da participação das províncias na guerra. Observando os gastos, as faltas de preparo, falta de política pública do império que mobilizava sua base para envolver e convencer as províncias. Desse modo:

Figura 12: Tabela 2

Províncias	Gastos	Armamentos	Combatentes
Goiás	51: 735, 000	2. 162,00 ³⁵	1100 homens
São Paulo	191: 984,000	*	6 504 homens
Bahia	279: 691,501	*	*
Mato Grosso	16: 160,900	*	*
Ceara	131: 262,000	*	1800 homens
Minas Gerais	312:580,000	*	*
Rio Grande do Norte	224: 503. 000	*	*

Fonte: Tabela elaborada com base em dados do relatório do ministro do império de 1869.

Ao comparar Goiás e outras províncias, ao todo foram 21 províncias, notamos diferenças no combate e na sua forma de atuar. Vale debater esses dados e pensar na participação das províncias diante deste período. Além disso, estes dados são estimativas aproximadas. A participação de Goiás ocorre de maneira atenuante de forma que serviu como suporte nos primeiros anos, até realmente se envolver por completo. De qualquer modo, essa relação com a guerra ocorreu conforme vemos apresentando nos documentos e com o referencial teórico. Nesse sentido, a guerra se iniciava como descreve Doratioto:

Nos dias 22 e 24 de dezembro saíram, respectivamente, de Assunção e de Concepción, duas expedições militares para invadir Mato Grosso. A primeira, fluvial, era formada por cinco barcos a vapor e cinco outras embarcações menores, contando com 4200 homens – mil deles de cavalaria – comandados pelo coronel Vicente Barrios, cunhado de Solano López, tendo como objetivo inicial tomar o Forte Coimbra. (DORATIOTO, 2002, p. 99).

Durante o conflito, as dificuldades logo fizeram parecer na guerra, e foram anos difíceis como vimos na tabela. O Paraguai veio adentrando a região de Mato Grosso e as tropas brasileiras estavam lá para conter o avanço. Por outro lado, essa região do Mato Grosso era bastante complexa e tinha suas características. Goiás também obtinha seus sertões e poucas estradas, tudo isso levava o conflito ficar mais incerto. Além da questão

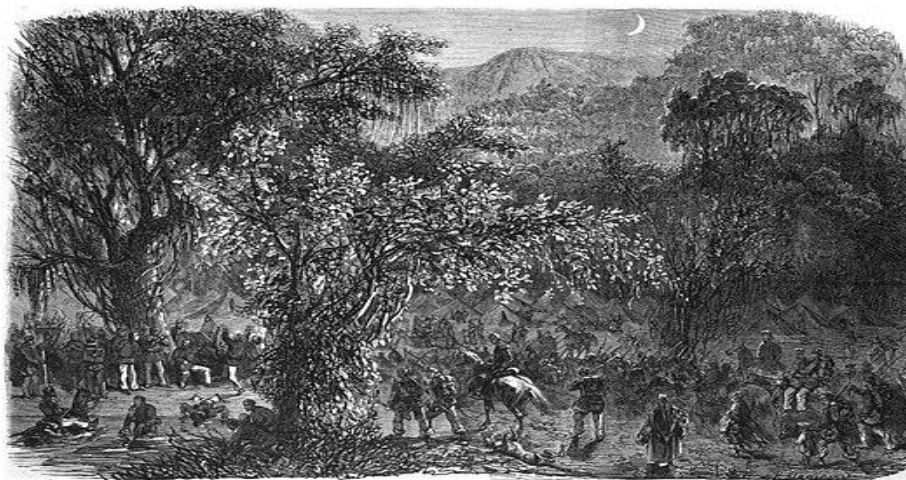
³⁵ Dados aproximados.

da administração como vimos acima. Portanto, podemos observar como aponta Albuquerque a respeito da região:

A noção de região, antes de remeter à geografia, remete a uma noção fiscal, administrativa, militar (vem de regere, comandar). Longe de nos aproximar de uma divisão natural do espaço ou mesmo de um recorte do espaço econômico ou de produção, a região se liga diretamente às relações de poder e sua especialização. Ela remete a uma visão estratégica do espaço, ao seu esquadramento, ao seu recorte e à sua análise, que produz saber. Ela é uma noção que nos envia a um espaço sob domínio, comandado. (ALBUQUERQUE Jr, 2011, p. 36).

O problema de logística ainda afetaria muito a ajuda que Goiás teria na guerra, assim, os acampamentos iam sendo feitos próximos de rios e em lugares quase sempre estratégicos. E o auxílio que Goiás teve no sentido de abastecer os acampamentos com armas e alimentos, servido de fato como um suporte, auxílio para o conflito. Nos documentos mencionados aqui, percebemos a participação de soldados goianos, portanto, a participação ocorreu na província a tal ponto de todo o seu contexto político, econômico e social. Contudo, isso nos permite compreender o processo dessa participação, essa relação que Goiás teve no conflito. Em seguida, nota-se como era um acampamento de guerra:

Figura 13: Acampamento



Expedição brasileira para Mato Grosso: Acampamento da divisão expedicionária nas matas virgens de Goiás, na altura do Rio dos Bois. Fonte disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Exp%C3%A9dition_br%C3%A9silienne_pour_Matto-Grosso._Campement_de_la_division_exp%C3%A9ditionnaire_dans_les_for%C3%A8ts_virg%C3%A9es_de_Goiaz._%C3%A0_Rio_des_Bois._-

A imagem acima, percebemos uma espécie de acampamento de guerra. Partindo de Goiás para Mato Grosso em direção ao conflito, região essa estratégica e de defesa para o Brasil, ela já vinha sofrendo ataques. Entretanto, esses acampamentos eram feitos perto de rios, para facilitar o abastecimento de água e necessidades básicas. Em geral ficavam em matas pensando em proteger, e serviam como pausa e recomposição de guerra. No intuito de estabelecer estratégias para o conflito. Nela também, podemos notar uma certa precariedade de equipamentos, um poderio militar limitado. Homens estes que não tinha um preparo para o campo de batalha. As rotas fluviais são essenciais para um conflito, servem de rotas para facilitar o transporte. Sabemos que o Brasil ainda se desenvolvia em transportes e na província ainda era precário assim, “apenas o Rio Araguaia e o Tocantins possuíam um rudimentar sistema de navegação, o primeiro já utilizava embarcações a vapor, enquanto o segundo apenas a vela, muito embora este fosse o mais navegável.” (MARTINS, 1979, p. 50).

De certa maneira, o Rio Tocantins atendia as necessidades da região do norte de Goiás e Pará. Em 1863 foram instaladas navegação a vapor em Goiás, nesse sentido, atendendo a demanda da região. Nota-se uma busca pela melhoria de e necessidade de um meio de transportes para Província. Com o avanço da melhoria de transportes e até mesmo de comunicações facilitou o acesso dentro da província e a relação com o restante do País. Nisso foi preciso ampliar seus recursos mesmo no meio de uma Guerra que o País estava passando. No tocante da guerra, Goiás também tinha suas limitações, a guarda nacional por exemplo foi composta para ajudar no conflito de Guerra que nem era sua função. Assim: “A formação das primeiras tropas na província de Goiás sempre mal servida de recursos militares 1824/1825, quando se criou na paróquia de Rio Claro um corpo fixo de ordenanças sem qualquer utilidade.” (MARTINS, 1979, p.52).

Essas primeiras tropas se juntaram com as outras províncias para o combate que estava acontecendo principalmente em Mato Grosso, pela qual as campanhas se organizavam. As províncias de São Paulo, Minas e Goiás. Todas elas unidas por ordens imperial manter fixo acampamentos de guerra com intuito de coibir a entrada do Paraguai e o avanço das tropas de Solano López. Neste contexto, as tropas continham uma cavalaria, caçadores e ainda sofria com estrutura e suporte de guerra. Paraguai também

tinha suas limitações, e tudo indica que essas dificuldades acabaram levando o conflito se arrastar a anos. Mesmo assim, o governo imperial insistia para que as províncias participassem do conflito assim:

O Imperador D. Pedro II partiu para a cidade de Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, apresentando-se no acampamento do exército como o primeiro voluntário da pátria. Assim, participando da sorte de seus compatriotas, demonstrou sua dedicação ao Brasil utilizando essa estratégia política para servir de exemplo aos militares ali estacionados e o Brasil como um todo. (RODRIGUES, 2009, p. 14).

Esta posição política da parte de D. Pedro II eleva alguns discursos patrióticos e interesses de seu próprio governo. Entrando numa batalha para manter sua estrutura monárquica e o seu projeto de expansão. Porém, teve como suas dificuldades o seu próprio exército e via nas suas provinciais problemas locais. E mesmo assim, levou adiante essa posição dentro do conflito. Vele ressaltar essa participação da província de Goiás, apesar da documentação limitada, de qualquer modo, é possível perceber esse ponto que o trabalho vem argumentando. Uma participação vinculada a interesse do Imperador. Não se pode ignorar isso, é preciso entender essa relação desta participação que não foi acidental, e sim, toda arquitetada. Os governantes de Goiás fizeram o que se pediram, pois:

O governo brasileiro publicou, em 7 de janeiro de 1865 um Decreto Imperial 3.371 criando os Corpos de Voluntários da Pátria com o intuito de atrair civis dispostos a empunharem armas em nome da nação. Em contrapartida, o governo assegurava vantagens com prêmio de trezentos mil réis; lotes de terra com 22 mil braças em colônias militares; preferencias em empregos públicos; patentes oficiais honorários; títulos nobiliárquicos; liberdade a escravos; assistências a órfã, viúvas e mutilados de guerra. (RODRIGUES, 2009, p. 13).

Percebe-se a tentativa do governo imperial de incentivar e estimular as pessoas e principalmente aqueles que iriam atuar de forma direta no combate. No entanto, foi feita convenções e prêmios para os civis atuarem na guerra. Em outras palavras, o governo estava comprando essas pessoas. Uma política com características patrióticas num discurso ideológico para justificar tal combate. Assim, as províncias acabaram que aderindo a essas ofertas e bajulações mesmo diante de suas limitações dentro da guerra. O cenário político do Brasil neste período é de certo modo influenciado para o envolvimento das províncias. Os discursos patrióticos, e ideológico sem dúvida fizeram parte desse processo. A província goiana entra no conflito justamente pelo pedido do governo imperial para auxiliar no que fosse necessário. O exército como sabemos possuía

suas falhas, apesar disso, não foi decisivo para o conflito. A guerra aconteceu embora, o Brasil não estivesse preparado para a Guerra. Veja:

O insignificante exército brasileiro de que o Brasil dispunha marchou impávido. Com ele e após ele marcharam, durante cinco longos anos, Batalhões de voluntario da Pátria³⁶ de todas as classes e profissões, assim como os guardas nacionais³⁷ designados pelo governo. As diferentes províncias do império e principalmente a Bahia, viram partir, na flor da mocidade, jovens valentes, cujas vidas foram ceifadas pelos projeteis, pelas lâminas do sabre inimigo e, especialmente, pelas epidemias inevitáveis adquiridas na prolongas e penosas jornadas que o exército empreendia por terra e pelo mar. (RODRIGUES, 2009, p. 13-14).

Portanto, apesar do interesse do governo imperial na guerra que forçava as províncias a atuarem em troca de favores e prêmios, notamos outros problemas como as epidemias e as longas viagens de guerra. Colocando em risco a população e de seu exército ainda que precário. Lembrando, que além dos combatentes, outras pessoas iam para servir a pátria e ajudar o exército. Com isso, é possível analisar a situação de Goiás que se encontrava diante deste contexto e assim, caminhamos para pensar esta participação de Goiás na guerra. Até o momento vimos a dificuldade do exército e a influência que o governo imperial teve diante das províncias.

Contudo, a guerra ocorreu diante de um Brasil com vários problemas e suas províncias com uma série de danos políticos, econômicos e administrativos. Assim, se pode perceber apesar da pouca documentação, mas foi possível perceber a participação da província de Goiás durante a Guerra do Paraguai. Além disso, a historiografia a respeito nos ajudou a mapear discussões que serviram como base para esta pesquisa. No entanto, a pesquisa buscou em cima de documentos tentar compreender a relação de Goiás com conflito armado levando em conta o contexto da província e do Brasil. Nesse sentido, pensar sobre essa participação, apontando possíveis ideias que possam ajudar a entender todo esse processo que Goiás se envolveu. Vimos a situação da província, sua pouca estrutura que isso contribui para uma guerra longa com várias limitações do exército brasileiro, e seus gastos problema não só de Goiás, mas do restante do Brasil. Entretanto,

³⁶ Sobre a formação dos batalhões que partiram do Brasil para a Guerra do Paraguai ver: DUARTE, Paulo de Queiroz (General). *Os voluntários da pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1980. Vols 40.

³⁷ Sobre a Guarda Nacional ver: CASTRO, Jeanne Berrance de. *A polícia cidadã: a Guarda Nacional de 1831 a 1850*. São Paulo. Nacional, 1977.

Goiás serviu como posto de abastecimento e forneceu soldados para o combate, assim, a pesquisa se atentou nesses detalhes para entender essa participação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo norteador de nossa pesquisa foi buscar compreender essa participação de Goiás na Guerra do Paraguai a partir da documentação e do aporte teórico. Sendo assim, procuramos analisar tais documentos. Na tentativa de mostrar diante da documentação vestígios dessa participação de Goiás no combate. Os documentos analisados foram catalogados no Museu das Bandeiras, e foi feita uma análise dessas fontes, com objetivo de identificar a participação de Goiás na Guerra do Paraguai além do diálogo da historiografia para o fortalecimento das discussões.

Além disso, utilizamos imagens relacionadas ao conflito, permitindo assim, uma visão mais detalhada do tema. A respeito das fontes, nosso foco foi buscar elementos que mostrem a participação de Goiás na Guerra. Sendo assim, percebemos uma mobilização da parte dos governantes do Império, essa composição de homens para o conflito, vimos também gastos e despesas voltadas para a guerra. Analisando as outras províncias foram possíveis notar o papel que elas desempenharam. A partir dos dados coletados se pôde observar a participação das províncias não como um caso isolado.

Entretanto, foi possível compreender de que maneira o governo provincial se envolveu na Guerra do Paraguai, levando em considerações fatores regionais e no âmbito nacional que influenciaram para tal conflito. No entanto, apresentamos as diferentes abordagens historiográficas para entender as diferentes visões da Guerra do Paraguai. Notamos visões conservadoras e bastantes patrióticas na primeira vertente, voltada para a ideia de um Brasil de uma única nação, a vontade de ser brasileiro, uma visão de pátria nacional. Enaltecendo assim, os militares e até mesmo o próprio Imperador D. Pedro II.

A segunda abordagem, traz à tona uma serie de reflexões sobre a guerra e que questiona a primeira. Teremos como um dos especialistas o jornalista Chiavenato que por sua vez propôs uma nova análise da guerra. Nesta vertente, a principal interpretação se baseia na influência do imperialismo inglês, como ele atuou na América contribuindo assim para a explosão da guerra. Juntando as forças da Tríplice Aliança para derrotar o Paraguai visando destruir sua economia.

Assim, diante dessa nova interpretação surge ainda uma nova, no sentido de revisar a história da Guerra. Essa nova abordagem discutida no trabalho identificamos nela ideias que baseava na situação interna de cada país e seus conflitos próprios que

encadearam para uma guerra por vários anos. Ressaltamos, o papel do Imperador do Brasil o D. Pedro II que participou e mobilizou as camadas militares para o exercício de guerra, visando é claro, seus interesses políticos. Neste cenário de combate, o papel de um líder de uma “nação” é relevante e diz muita coisa sobre o ocorrido assim, a ideia de manter seu governo e principalmente a monarquia em movimento precisava se firmar em algo no caso a Guerra do Paraguai. Como vimos, as províncias participaram e Goiás não foi diferente. Isso nos leva para pensar nesta participação.

Surge discursos pautados na manutenção da política monárquica do rei na América, precisava combater os chamados “inimigos”. O Paraguai da mesma forma, Solano era um ditador e buscava espaço político. Nota-se, os interesses de cada país e seu cenário até então. Sendo assim, o envolvimento de Goiás deve ser pensado de forma crítica, levando em conta o cenário daquele período. Um cenário de guerra, e que esta participação foi basicamente nutrida por interesses políticos para manter uma monarquia intacta na América. Dito isso, a pesquisa procurou apontar discussões nesse sentido, mesmo sendo um estudo ainda em construção. No contexto regional, Goiás era uma província do Império Brasileiro, distante do litoral e das cidades nas quais as sedes administrativas se localizavam. De qualquer maneira, Goiás contribuía para o império, com impostos. As atividades no campo ajudavam nesse sentido, ou seja, tinha seu papel. Com o Brasil em conflito Goiás terá sua relação no conflito, como mencionamos na ajuda de armamento, composição de homens, utensílios para o combate, todo o suporte que o Brasil necessitasse, as províncias tinham essa função, de compor o poderio militar.

Ao abordar a província de Goiás nos documentos, pôde se notar uma participação, lembrando que essa participação deve ser encarada de forma que os fatos históricos sejam analisados. Acredita que assim, esse período do século XIX remontam a história da Guerra do Paraguai. Embora fosse um conflito entre várias nações, as províncias tiveram seu papel, mesmo se mostrando em situações precárias de estrutura. Com isso, apontamos diante dos documentos um olhar em relação ao conflito no qual Goiás vivenciou no período imperial. As forças do poderio militar se assim podemos dizer, se passou num quadro complexo de administração e estrutura. Vimos também uma mobilização do governo imperial, no sentido, de incentivar, porém, voltada para o interesse da monarquia brasileira. Todavia, esse é um ponto a se pensar a participação de Goiás na Guerra do Paraguai. Num período ainda que a província necessitava de outras políticas e o Brasil com exército em construção, foi sim, dificuldades que fizeram o conflito ser árduo.

Em suma, a pesquisa buscou em cima de documentos tentar compreender a relação de Goiás com conflito armado levando em conta o contexto da província e do Brasil. Nesse sentido, pensar sobre essa participação, apontando possíveis ideias que possam ajudar a entender todo esse processo que Goiás se envolveu. Vimos a situação da província, sua pouca estrutura que isso contribuiu para uma guerra longa com várias limitações do exército brasileiro, problema não só de Goiás, mas do restante do Brasil. Entretanto, Goiás serviu como posto de abastecimento e forneceu soldados para o combate, assim, a pesquisa se atentou nesses detalhes para entender essa participação que foi voltada para interesses políticos do Brasil.

REFERÊNCIAS

- **FONTES DOCUMENTAIS**

Arquivo da Guerra do Paraguai-Caixa 1 (1864-1866).

MEMÓRIAS GOIANAS. Relatórios dos governos da Província de Goyaz de 1864-1870. Vol 10. Sociedade Goiana de Cultura, Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central. Centro de Cultura Goiana- Goiânia: Ed. UCG, 1998.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011. 1.

ANDRADE, Karylleila dos Santos. Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins. Goiânia: PUC Goiás, 2008.

ARAÚJO, Johny Santana de. Bravos do Piauí! Orgulhai-vos. Sois dos mais bravos Batalhões do Império: a propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a Guerra do Paraguai (1865-1866). Tese (Doutorado) Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências humanas e Filosofia, Departamento de História, 2009.

CARMO, Sônia Irene do. História do Brasil 6ª serie. São Paulo: Atual, 1989. p. 45-48.

CARPI, Lucia. História do Brasil, Ensino Médio. Rio de Janeiro. Livro técnico: 1985. p. 155-159.

CASTELNAU, Francis. Expedição às regiões centrais da América do Sul. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

CECCON, Claudius. Morte ao Paraguaio! In. ____ História do Brasil. 6ª serie. Rio de Janeiro: Vozes, 1986. p. 150-153.

CERQUEIRA, Dionísio. Reminiscências da Campanha do Paraguai. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

CHAUL, Nasr Nagib Fayad. Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: EDUFG, 2002.

CHIAVENATO, Júlio José. Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai. São Paulo: Editora Moderna, 1998.

CHIAVENATO, Júlio José. Genocídio Americano: a guerra do Paraguai. São Paulo: Brasilense, 1984. Cadernos de Clio, Curitiba, n.º 5, 2014 37.

DANTAS, José. A política externa do Segundo Reinado na bacia platina. In. ____ História do Brasil, Ensino Médio. São Paulo: Moderna, 1989. p. 153-162.

DORATIOTO, Francisco. Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GALEANO, Eduardo. A Guerra da Tríplice aliança contra o Paraguai aniquilou a única experiência, com êxito, de desenvolvimento independente. In. ____ As veias abertas da América latina. 21ª edição. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985. p. 204-214.

GOMES, Luiz Souza. América Latina: seus aspectos, sua história, seus problemas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1966. (1ª ed. 1961).

GUEDES, Marx Justo. História da Guerra do Paraguai. In. MARQUES, Maria Eduarda de Castro Magalhães (Org) A Guerra do Paraguai: 130 anos depois. Rio de Janeiro: Relume- Dumará, 1995.

HERMIDA, Borges. Guerra do Paraguai. In. ____ História do Brasil. 6ª serie. São Paulo: Editora Nacional, 1986. p. 36-39.

IZECKSOHN, Vitor. In. ____ A Guerra do Paraguai. (Org.) GRINBERG, Keila. SALLES, Ricardo.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. – 5º ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

MOCELLIN, Renato. A Guerra do Paraguai. In. ____ História do Brasil, 6ª série. São Paulo: Ed. do Brasil, 1985. p. 33-36.

NADAI, Elza. História do Brasil, 6ª série. São Paulo: Saraiva, 1985. p. 74-78.

PALACÍN, Luís. O século do ouro em Goiás, 1722–1822: estrutura e conjuntura numa capitania de Minas. 4 ed. Goiânia: Editora UCG, 1994.

PEREIRA, Denise. História do Brasil. Ensino Médio. Atual, 1987. p. 220-224.

POHL, Johann Emanuel. Viagem ao interior do Brasil (1819). Belo Horizonte: Universidade de São Paulo, Itatiaia, 1976.

POMBO, Rocha. História do Brasil. Revista e atualizada por Hélio Vianna. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

POMER, Léon. Paraguai: nossa guerra contra esse soldado. São Paulo: Global, 1984.

RODRIGUES, Marcelo Santos. Guerra do Paraguai. Os Caminhos da Memória entre a Comemoração e o esquecimento. São Paulo: USP, 2009.

SAINT-HILAIRE, Augusto de. Viagem à província de Goiás. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975.

_____. Saint-Hilaire, Pohl, Gardner e Castelnau: a exoticalização da Província de Goiás e a grafia dos topônimos. Diacronia, Rio de Janeiro, v. 11, n. 5, p. 96-105, 2008.

SALLES, Ricardo. Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil, 6ª série. São Paulo: Moderna, 1994. p. 28-31.

SOUZA, Osvaldo de. A Guerra do Paraguai. (1864-1870). In. ____ História do Brasil. 6º série. São Paulo: Ática, 1987. 48-51.

SQUINELO, Ana Paula. Revisões historiográficas: a guerra do Paraguai nos livros didáticos brasileiros – PNL D 2011. Diálogos, Campo Grande, n. 1, p. 19-39, 2011.

VEYNE, Paul. Como se escreve uma história. Brasília. Editora: UNB, 1998.

SITES:

www.Brasilecola.com.br.

www.colaweb.com.br.

www.medium.com.br.

www.scielo.com.br.

www.wikimedia.com.br

www.wikipedia.com.br